

ANO I
NUM. 5

SUL

PREÇO:
Cr\$ 2,00

Revista do Círculo de Arte Moderna



● CAPA: Trabalho de - LUIZ SANTOS ●

Castiçais

de

Ouro

*Morrem os velhos conceitos das coisas
como velas, derretendo-se...
Mundos inéditos surgem na claridade
e sombras inquietas brincam nas paredes lisas
A chama desassossegada
desfazendo os sonhos brancos
sôbre os seus castiçais de ouro
túmulos e flores murchas
perfume de morte
Claridade nas cavernas do desconhecido
Estalagmites e estalagmites de cera
A chama iluminando
A vela derretendo-se
A fumaça subindo
em curvas geométricas
idéias que se elevam
com destino ignorado
pelas regiões insondáveis
Certeza de nunca estar no mesmo lugar
e encontrar as coisas onde disseram
que elas não estão,
porque os velhos conceitos das coisas
morrem, como velas, derretendo-se...*

Anibal Nunes Pires

*Uma cabeça, duas pernas, dois braços
Um torax, duas mãos; um homem?
Não!
Um cérebro, um homem?
Sim.
Maquinações políticas
Elocubrações literárias
Paixões desenfreadas
Virtudes exageradas e
plausíveis
Dinheiro, comércio
Ciência, arte, religião
Um cérebro, um homem
Consciência de si,
Consciência dos outros
Consciência do mundo
Um cérebro, um homem
Inconsciência dos outros
Inconsciência do mundo
Bomba atômica
Um cérebro*

Um cérebro

um

Homem

DIRETOR
ANIBAL NUNES PIRES

SUL

REDAÇÃO
CONSELHEIRO MAFRA, 147
CAIXA POSTAL, 384

REVISTA DO CIRCULO DE ARTE MODERNA

Ano I

Florianópolis, agosto de 1948

Número 5

SUL

ODY F. e S.

SUL já tem quase um ano de idade e possui a sua história. Uma história breve, com emanações de idealismo utópico, idealismo prático, algumas mesquinhas, bastante senões e uma virtude imanente, que podemos caracterizar nesta frase, a qual pode parecer lacônica, mas que para nós tem o seu sentido : *SUL é pelo que é e pelo que faz.*

SUL tem uma história bastante lógica a qual, com perdão de quem se ofender, pode ser enquadrada no movimento intelectual do Brasil e até mesmo do mundo de após-guerra.

Quando o espírito e as manifestações intelectuais voltaram a preocupar o mundo revelou-se um fato que nos apresentou as coisas sob outro aspecto : Os valores estavam mudados e havia a geração dos vinte anos, um pouco envelhecida prematuramente, senhora dos seus fins e disposta a ganhar o seu lugar na escala de valores e, o que ainda foi mais impressionante, renovar estes valores.

No Brasil começaram a aparecer nas províncias os guerrilheiros da renovação. Não tinham contacto entre si, eram ilhotas em um mar de marasmo e academismo. Uma nota característica era possuírem todas estas pequenas ilhas pontos de contacto e uma personalidade quase idêntica. Um ilustre sociólogo catarinense (citação sob responsabilidade do Hamilton Ferreira), o prof. Henrique Stodieck, assim explicou o fato : "Os diversos grupos renovadores, apesar de separados, recebem influência da mesma fonte : Marx, Proust, Gide, Kafka, Sartre, etc... por isso reagem idênticamente".

O movimento foi tomando vulto e ganhando o seu lugar de destaque, oferecendo os seus valores e guerreando o academismo inócuo e impotente, que tinha como único contrapêso a geração de trinta.

De todo êste processo de elaboração deu-se um milagre, o aparecimento destes animais estranhos, que falam em renovação, em Florianópolis, e,

creiam, sinceramente, isto é um milagre e dos grandes.

É claro que a ilhota de Florianópolis não teria vindo à tona se outras não tivessem vindo antes, e umas foram surgindo após outras e, sem dúvida, a paternidade destas ilhas cabe ao "Joaquim".

Quando muitas das revistas de jovens surgiram SUL já era carregada no ventre da mamãe, isto é, na mente de Salim Miguel, Antônio Paladino, Anibal N. Pires, Armando Carreirão, etc... eu juntei-me a eles depois, pois na ocasião não me encontrava em Florianópolis, e comigo veio, honra para mim, outro germen nocivo para uma vilazinha pacata e snob, teatro renovador, mais um estranho bicho que muito tem dado o que falar.

SUL teve o seu ensaio e ao recordarmos o fato um leve rubor nos vem às faces. Havia um jornaléco que existia porque havia gente com vontade de escrever. O jornaléco "Folha da Juventude" era no todo quase infantil e contraproducente, mas o primeiro sinal de maturidade surgiu quando criaram a pomposa "Folha de arte moderna", que, em geral, de moderna quase só tinha o nome e a boa vontade. A gurizada cresceu, ficou adulta e nasceu SUL, e continuam crescendo, indo ainda muito longe, esta gente é maluca, esperem e verão.

Carecemos ainda de hegemonia, não há um pensamento-motor geral, ainda temos movimentos de maré, fluxos e refluxos, mas vamos nos consolidando aos poucos. Temos deficiências de vários matices, principalmente a mingua de elementos. Outras causas o Anibal mui delicadamente lacrimejou no quarto número e eu nelas não toco, porque delicadeza foi uma das muitas virtudes que a natureza me negou.

Uma coisa é real : *SUL é pelo que é e pelo que faz.* De um sonho passou a um fato e agora há novos sonhos que breve também, serão fatos.

Agosto de 48.

SUL

REVISTA DO CÍRCULO DE
ARTE MODERNA

Redação :

Conselheiro Mafra, 147
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.

*

Diretor :

Anibal Nunes Pires

*

Gerentes :

Salim Miguel
Hamilton V. Ferreira

*

Redatores :

Fúlvio Vieira
Eglê Malheiros
Antônio Paladino
Layla Freyesleben
Armando S. Carreirão

*

Publicidade :

Aldo Sagaz

*

Colaboradores :

José Tito Sliva
Cláudio B. Vieira
Elio Balstaedt

*

Ilustradores :

Alfredo Meyer
Walter Wendhausen

Os originais, mesmo
não aceitos, ficam na
redação.

Todos os artigos são
assinados e decorrem,
as responsabilidades,
de seus autores.

Assinatura por doze
números : Cr\$ 24,00

Preço por exemplar :
Cr\$ 2,00

A Arte e o Belo

Elio Balstaedt

O poeta apaixonado procurou no cérebro as palavras para o seu poema...

Encontrou expressões gastas. Adjetivos que nada mais dizem à sensibilidade.

O pintor captou os últimos reflexos do sol que ainda nadavam no rio. E burilou as suas montanhas com o cinzento do crepúsculo.

O músico escreveu em notas a paz do natal e o sussurro do vento ao beijar os cabelos louros da ingenuidade.

E permaneceram ignorados. Aquêlo belo, por demais conhecido e automatizado para despertar a admiração. A vida difícil e cheia de encolhos e os corações enrijecidos para o êxtase diante do já visto.

A realidade asfixiou o artista. Mas sua arte não poderia morrer e êle forçou-se a procurar novos caminhos.

Alguns enveredaram pelo desânimo, sempre procurando esquecer, sempre ansiosos de se internarem mais e mais pela escuridão que não enxerga a verdade tremenda que esconde o belo da natureza. São os novos artistas de uma nova espécie de romantismo.

No jardim solitário
Estão-se desfolhando, inglôriamente
Tantas rosas divinas, a sonhar

.....
Ah! se eu fôsse colhe-las para mim! ...
Não vale a pena!

(RAUL DE LEONI)

Outros, mais afoitos, despojaram-se da idéia do belo. Se êle não despertava emoções é porque não era essencial em arte. Afirmava Graça Aranha em 1922: "Nenhum preconceito é mais perturbador à concepção de arte que o da beleza".

Mas existem os que compreenderam porque os cinzentos do crepúsculo e os adjetivos ardentes não conduzem mais ao belo. Se as formas estéticas usadas não satisfazem é que já se tornaram gastas, inexpressivas. É preciso modificá-las e não o conceito de arte, que sempre será a intenção do belo.

Êste deve ser procurado: Na fealdade ou na dissonância. Na miséria ou na luxúria. E não interessa o que os olhos vêem, pois a simples cópia já não inspira o belo. Interessa a imagem que o cérebro elabora.

A verdadeira arte moderna tem a mesma intenção que a clássica: Mostrar a beleza. Mas a beleza clássica está gasta. Não traduz sensibilidade.

Então o novo artista, munido de novas formas, novos ritmos, novas cores e novas idéias, embrenha-se por novos caminhos, à procura do novo belo, pois o antigo está irremediavelmente exgotado.

1-7-948.

Concurso de Peças de Teatro

Um prêmio de Cr\$ 15.000 (quinze mil cruzeiros) e outro de Cr\$ 5.000 (cinco mil cruzeiros), oferecidos pelo industrial Mário D'Almeida

O industrial Mário D'Almeida, interessado em descobrir e estimular novos autores brasileiros, colocou à disposição do "Teatro do Estudante do Brasil", a soma de Cr\$ 20.000, (vinte mil cruzeiros) para a criação de dois prêmios, destinados a peças inéditas.

O "Teatro do Estudante do Brasil" continuando sua tarefa de servir à cultura do nosso povo através do teatro — estabelece um concurso de peças em tres ou mais atos, desde que sua representação não leve mais de tres horas, entre autores brasileiros de qualquer idade.

Os candidatos devem mandar duas cópias de sua peça, guardando uma terceira cópia para, no caso de sair vitorioso, defrontá-la com a que obteve o prêmio. Cada peça deverá ser assinada por um pseudônimo e os nomes dos juizes só serão conhecidos depois do julgamento, a fim de evitar a possível intervenção de terceiros a favor dos candidatos, que deverão enviar seu original e cópia até 15 de Dezembro de 1948 para "Paschoal Carlos Magno — Teatro do Estudante do Brasil — Rua Santa Luzia, 305 — Rio de Janeiro". O "Teatro do Estudante do Brasil" publicará uma semana depois de encerradas as inscrições os nomes das peças que se candidatam aos prêmios, que, de acôrdo com a sugestão do seu doador, Sr. Mário D'Almeida, chamar-se-ão "Prêmio José de Alencar" e "Prêmio Roberto Gomes" respectivamente. O julgamento será anunciado na primeira semana de Março de 1949, interessando-se o "Teatro do Estudante do Brasil" junto das companhias profissionais no sentido de que encenem as peças vitoriosas.

Ressurge o Ballet da Juventude

Famosos artistas nacionais e estrangeiros trabalham na sua reconstrução — Os ensaios dos novos elementos — Um trabalho de jovens para jovens — Fala à nossa reportagem S. Castello Branco, seu diretor geral

Em 1945 estrejava um pequeno grupo de artistas sob uma legenda predestinada a se tornar famosa. Era o Ballet da Juventude. Seus idealizadores e patrocinadores deram o melhor dos seus esforços para concretizar os seus desejos e doar ao Brasil a primeira Companhia de Ballet Nacional. De pequeno grupo se transformou num famoso conjunto. Três pessoas o idealizaram S. Castello Branco, Jacques Corseuil e Carlos Leite, na mesa de um restaurante. Uma entidade esportiva o patrocinou — a Federação Atlética de Estudantes — a outra entidade estudantil o apresentou — A União Nacional dos Estudantes. Na sua grande temporada as entidades acadêmicas conseguiram um produtor que o financiava e o apresentava. Alcançou grande repercussão os espetáculos e o conjunto estava destinado a uma grande carreira quando um colapso interno entre os creadores e o produtor afastava os primeiros da organização durante a vigência de um contrato assinado entre o segundo e as entidades patrocinadoras. Terminado o contrato e abrindo mão de qualquer defesa de direitos recebiam as patrocinadoras o título de voltar em 30 de Novembro último, tratando de fazer vigorá-lo dentro de suas verdadeiras finalidades quais sejam a de uma escola experimental de dança.

Nova orientação e seus efeitos

Fala à nossa reportagem S. Castello Branco, o verdadeiro impulsionador do Ballet da Juventude.

— Não devemos lamentar os erros possíveis de serem apontados nas fases anteriores pelas quais passou o Ballet da Juventude — inicia o nosso entrevistado. Representam eles uma experiência sempre nova e aproveitável áqueles que como eu iniciam seus trabalhos e seus estudos a favor do desenvolvimento da dança clássica em nosso país. Os sucessos obtidos devem representar pouco, pois o que almejamos é realmente trabalhar sempre mais e mais por sua perfeita realização. No momento sob a minha direção geral este grupo se reabilita do colapso e voltará muito em breve, estou certo, a impressionar pequenos e grandes públicos. Sua forma e sua organização constituem a criação de uma verdadeira escola experimental de dança.

Plano e ordem de trabalho

À uma pergunta do reporter sobre quais os planos do Ballet da Juventude responde o seu Diretor Geral — Os planos são muitos e todos visam a valorização e a propaganda da dança teatral no país. Estes incluem três categorias de espetáculos: os "financeiros", que rendam ao grupo a sua manutenção, os "artísticos", que apresentem novos trabalhos de real valor e em ambiente completo para sua perfeita apresentação, finalmente os "educacionais", os mais impor-



Vaslav Veltcheck, coreografo do Ballet da Juventude conversa com alguns elementos da organização.

tantes no momento que possuem duplo sentido; educar os próprios competentes em treinos sucessivos com diferentes públicos, e "educar" estes que aproveitarão com seus espetáculos de leves programas, aqicecíveis às suas compreensões, facilitando a divulgação desta arte tão pouco conhecida. No momento nos preparamos para dar início a estes espetáculos cujo feito mais importante é sem dúvida a sua próxima estréia em Curitiba, Paraná, durante os festejos dos IX Jogos Universitários Brasileiros.

A reconstrução é feita por vários artistas

— A força do Ballet da Juventude sempre residiu nos cursos e nas escolas de dança — é o próprio Sr. Castello Branco quem declara. E mais uma vez esta afirmativa se patenteia. Todos os novos elementos que iremos apresentar provêm de vários cursos. Foram

alunos de Yuco Lindberg, Vaslav Veltchek, Oleneva, Leskova, Grigorieva, Carlos Leite. O esforço e a tenacidade destes professores e de muitos outros no Brasil nos permitiram organizar uma nova equipe que irá impressionar pela sua disciplina, linha e segurança, agora sob a competente orientação da artista Marila Gremo. Vários professores e coreografos foram convidados a colaborar no preparo deste novo conjunto e vários artistas nacionais emprestam sua valiosa cooperação. Não desejamos formar estrelas mas, sim termos um corpo de baile treinado, dextro e educado para interpretar as grandes criações e estas virão com o tempo. O nosso trabalho é por equipe e assim visamos sempre a verdadeira manutenção do Ballet da Juventude e nesta obra contamos com o patrocínio da União Nacional dos Estudantes e a Federação Atlética dos Estudantes que sempre têm compreendido o nosso trabalho.

O repertório e os artistas

O primeiro programa da estréia do Ballet da Juventude compreende algumas criações do mais puro sabor educacionais aos jovens interpretes. É ele: "O Rei Sol", música de Couperin, coreografia de Vaslav Veltchek e decorador Anisio de Medeiros, tudo feito dentro da época e do estilo de Luiz XIV procurando reviver uma época por todos os motivos, grandiosa para a dança; "Divertissement Classique", música de Tchaikowsky, coreografia de Marila Gremo e que constitui sem dúvida uma grande lição de toda a terminologia do ballet clássico, inclui o programa "Duas mazurkas", de Chopin, coreografia de Yuco Lindberg, uma justa homenagem ao professor de quase todos os componentes do Conjunto e hoje falecido; finalmente, o Ballet da Juventude apresentará "Ameno Resedá", música de Ernesto Nazareth, coreografia de Edith Vasconcellos. Constitue este trabalho possivelmente o primeiro ballet em moldes clássicos a ser montado com elementos nacionais.

— Gostaria de citar aqui — diz terminando o nosso entrevistado os novos componentes do Ballet da Juventude: Cirley Franca, Beatriz Juppová, Yolanda Lupe, Yvonne Meyer, Lígia Prata, Julia Queirós, Zany Roxo, Lucia Sá Campos, Janet Santos, Rosa Talievo, Annamaria Vamzer, Lea Velloso, Noemia Wainer, Cecília Wainstok.

EÇA DE QUEIROZ

HERCÍLIO MEDEIROS

Inteligência profunda superiormente orientada por apurado senso artístico, com percepção nítida e surpreendente dos homens e das cousas, focalizando, talvez exagerada mas muito sábiamente, os contrastes da sociedade que o cercava, utilizando-se, para conseguir êsse escopo, da ironia que cauteriza, sem se preocupar, entretanto, com os latidos inevitáveis dos moralistas farisaicos, incapazes de plenamente distinguir onde termina a obra de arte e onde principia a imundície da torpeza em que hipòcritamente se refocilam, — tal foi o luminar nas letras da península ibérica, o príncipe do estilo que se chamou Eça de Queiroz.

O glorioso paladino, em Portugal, do naturalismo, a escola mais característica que até agora dominou o bom gosto dos grandes escritores, prestou sempre à forma o culto irresistível dos espíritos de eleição e imprimiu à língua de Camões novas particularidades, tornando-a mais apta à expressão adequada e precisa aprimorando assim com inegalável propriedade as idéias, brilhantes e cheias de vigor, de seu cérebro creador e fecundo.

Em seus romances, legítimos modelos do "realismo na arte", nada esqueceu, e por isso mesmo, nada perdoou.

Daí a diversidade extraordinária dos tipos que vivem e palpitam em suas páginas com forte realidade, embora, como acertadamente tenha observado um dos biógrafos do escritor, em grande número deles ninguém houvesse reparado até então, o que concorreria, sem dúvida, para aumentar ainda a admiração votada ao grande artista, se isso ainda fôsse possível.

Assim ao lado do conselheiro Acácio, a retórica empolada e sentenciosa ao serviço da mediocridade dos salões, que não deve de forma alguma ser confundido com êsse outro imortal Pacheco, espécie de que o conselheiro é o gênero, descreve-nos ele o perfil impecável de Fradique Mendes, produto sem par da civilização contemporânea, o qual àquela triplíce formosura tão decantada por Carlyle: a do físico, a do espírito e a do coração, ajuntava, requintada, a formosura de uma erudição assombrosa que fazia com que, ao tirar a charuteira, desse "uma síntese profunda de uma transparência de cristal da guerra do Poloponeso", e depois de acender o charuto, explicasse "o feitio e o metal do cinturão de Leônidas", isto só para não se acrescentar que lia "Sófocles no original", justificando cabalmente o que dele dizia Guerra Junqueiro: "um Saint-Beuve encadernado em Alces".

É digno de menção que êste tipo, de realidade muito problemática, excepcional na obra de Eça, o que de modo algum prejudica o seu valor artístico, tendo-se em vista que as modernas correntes literárias visam retratar não só o real, mas também o possível, foge habilmente aos exageros de um "Dorian Gray", evitando dessa forma os escândalos iguais aos que acompanharam o aparecimento do famoso livro de Wilde.

Contrastando com a ignorância e boçalidade estratificadas no meio de Coimbra, do Raposão, representante autêntico do meridional fogoso e sensual, a paciente e laboriosa investigação científica do sábio e jovem Topsius, a glacial impassibilidade nórdica personificada, Doutor pela Universidade de Bonn, sócio do "Instituto imperial de excavações históricas", que colhia notas para a sua formidável obra a "História dos Herodes" e estava empenhado em amontoar os materiais de outro livro monumental, a "História dos Lagidas", sendo neto pelo lado materno do naturalista Scholck, autor de um famoso tratado em oito volumes sobre a "Expressão fisionômica dos Lagartos", que assombrou a Alemanha. Ficavam, destarte, reduzidas às verdadeiras proporções, pelo seu estilo impiedoso e sarcástico, as graves deficiências do velho reino e os exageros ridículos da "Imperial Alemanha", características, afinal mais ou menos felizes das diversas sociedades humanas.

E as figuras imorredouras que desfilam em "Os Maias", em "A Ilustre Casa dos Ramires", em "O Mandarin", em

"A Cidade e as Serras", e tantos outros, como o Carlos da Maia, o João da Ega, em que alguns vêem o próprio Eça fielmente auto-retratado, Steinbrocken, aquele ministro da Finlândia, um dos tentáculos do monstro burocrático ao qual não escapou até a diplomacia, o Gonçalo Mendes Ramires, o Teodoro (d'"O Mandarin"), o Jacinto do 202, nos Campos Elíseos em Paris, e o Jacinto do casarão de Torres, nas serras acolhedoras de Portugal, exigem com tanta imposição uma análise, inteligente e aplicada, que a simples referência a elas assume aos nossos olhos maravilhados as proporções de uma profanação.

Cultivou também a crítica com primor fora do comum.

Os ensaios constituem a manifestação de uma das faces mais brilhantes do talento do escritor e por si só bastariam para fazer a glória de um nome.

O contista tem na candidez seráfica do "Suave Milagre" a afirmação máxima das suas qualidades de escol nesse difícil ramo de literatura em que tantos lamentavelmente naufragam, iludidos com as limitadas proporções do gênero, julgando encontrar facilidade onde os verdadeiros valores só aparecem com barreiras penosamente transpostas, e esquecidos de que o conto, revestindo-se como sóe acontecer de feição abreviada, não deve oferecer lugar aos defeitos: o conto é um romance que pelas suas dimensões reduzidas faz ressaltar facilmente as imperfeições.

E ante a variedade da obra de Eça, talvez maior ainda que a de seus personagens, não nos seria lícito observar que as "novas expressões de vida" criadas por Flaubert, o mestre, em "Madame Bovary", "Salambô" e "Tentação de Santo Antônio", romances perfeitamente distintos, tão brilhantemente observada pelo autor d'"A Estética da Vida", existem também no escritor luso e em grande profusão?

"O Primo Basílio", "Frei Genebro" e "A Cidade e as Serras", não são simples repetições, como tôdas as obras de Balzac, que na opinião autorizada do Sr. Graça Aranha não escreveu senão um único livro, mas centelhas, de matizes inteiramente diversos, daquele espírito assombrosamente privilegiado.

A sua observação aguda e penetrante era também justa e sincera e o ódio implacável e natural que alimentava pela mediocridade só encontrava intensidade equivalente na admiração fervorosa que mantinha pelo mérito. Abominava o personagem d'"Os Maias", acacianamente combatendo a "substituição da cruz pelo trapézio" nas escolas de Portugal, mas adorava a Antero de Quental, a inteligência e poesia reunidas, "uma exceção em que o sumo gênio poético se alia a suma razão filosófica", exprimindo nos seus sonetos "esta coisa estranha e rara: as dores de uma inteligência".

Como espectador curioso e eterno estudante do mundo em que vivemos, porém, "se comprazia em analisar a obra genuína e sincera da mediocridade e considerava Calino tão digno de estudo como Voltaire, "adorando sobremaneira a vida", de que são igualmente expressões uma rosa e uma chaga, uma constelação e (com horror o confessava) o conselheiro Acácio".

Quanto às obras que ficaram inéditas e que só recentemente apareceram (não há, conseqüentemente, referência às que surgiram pelo espaço de três ou quatro anos após à morte do escritor), a sua publicação em nada aumentou a reputação consagrada do artista máximo e apenas a da correspondência tem os nossos aplausos mais francos e entusiásticos.

Ela nos revela o escritor na intimidade, tal qual era e nos mostra ainda mais suavemente o "tépido leite da bondade humana" que jorrava do seu coração generoso e ardente, não obstante professasse sempre, com desassombro, a célebre divisa contida naquela forma lapidar, inserta, com admirável propriedade, no frontispício d'"A Relíquia": "Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia".

(Artigo publicado em 1931, no jornal "O Estado", desta capital).

DORIS EM DUAS CAMBIANTES

(Trechos de um Romance que não será escrito)

A capela. A poesia e o mistério dos círios tremulando na semi-escuridão. O som abafado e intenso das orações. As sombras longas, longas e esqueléticas de tudo e de todos. O retinir da campainha que em ambiente tão denso parece não soar com todo o brilho. O coro cantando a medo um Gloria. A mente em estado crepuscular. As idéias surgindo e desaparecendo confusas e deslizantes Meios-raciônios. Sensação de quem flutua à deriva. Impessoalização.

O latido claro, nítido, de um cachorro próximo, perfura o ambiente. Doris como que acorda. Olha-se. Mãos postas, de joelhos, orando de fato para o nada, simplesmente deixando-se entorpecer. Senta-se. Retira o véu que se equilibra em seus cabelos lisos, escorregadios. Os rostos compungidos das colegas a irritam. Quem as visse julga-las-ia santas. Levanta-se, vai para a rua sem esperar o fim da missa.

Fora tudo está calmo com a alegria sonolenta de um dia que começa. As fumaças das chaminés se requebram no ar e depois se desmancham voluptuosamente. Do refeitório sai um cheiro gostoso de café. Doris senta num banco, bem no canto, para ficar só, para pensar.

Há dois anos fez a primeira comunhão. Que fé ela teve. Andava à procura de alguma coisa em que acreditar, a que se entregar plenamente. Ela era inteiramente crença. Não raciocinava. Se enchia do lirismo místico que há em tôdas as cerimônias religiosas, como um sedeno de água.

Primeiro a preparação das néo-comungantes. A propaganda, levada ao máximo, do momento da comunhão. A confissão sussurrada dos pecados: mentiras, raivas, brigas. A hesitação em confessar a "conversa feia" que tivera com uma prima.

Na manhã da primeira comunhão ela fôra tôda de branco. Eram muitas, tôdas purificadas. Santas crianças que faziam troça dos vestidos menos elegantes.

Quando voltou vinha calada, fechada. Nada do que haviam dito acontecera. E ela o quisera tanto... Fôra simplesmente silêncio e calma no brilho branco da capela. Não escutara nada. Mais uma coisa havia falhado.

Depois os comentários das colegas... Cada uma contava coisas mais lindas. Quando Lourdes revelou em segredo — "Eu pedí para morrer naquele instante" ela se sentiu miserável. E acrescentou a medo: "Eu também" (ela não queria ficar atrás).

Continuou a praticar, na busca constante do que não achara. Nada disse a ninguém para que não rissem dela. Agora tudo está

confuso. Se ela tivesse fé seria melhor, mais suave... O pior é que hoje ela não crê, acreditará amanhã para duvidar depois. E a

Alguém numa cidade

Alguem chegou
E foi traçado
Pela cidade
O caos
Da organização de tudo
O absorveu
E alguém ficou
Estrçalhado
Sendo em tudo
E não sendo em nada

Os gritos seus
De desespêro
Multiplicados
Repetem os bondes
A uivar na noite
Na noite escura
Em que as luzes
São pontos de exclamação
Para o negro

Alguém faz as viagens
Sem nexo, sem rumo
Fugindo de si
Encontrando a si mesmo
E devora a noite
Enquanto ela o come
E sente clarões de velório
Na alvorada

Os sonhos mil
Que alguém já teve
Ficam no espaço
Piscando ondeantes
E lá do alto dos edifícios
Para pegá-los
Só se jogando
No escuro imenso
Para os roçar
Num doce instante

Tôda a beleza
A que se aspira
Ansia do belo
Que todo o mundo
Um dia sente
Alguém deixou
Espicaçada
Nos instantâneos
Impressionistas
De luz e sombra
Grandes e humildes
Frangalhos vivos
De um ideal desfeito

Alguém chegou pra trabalhar
Sonhando vida
Sonhando amor
Mas a cidade o absorveu
Porisso sempre há nela sempre
Um grito sonho, trabalho, dor.

covardia de não dizer sinceramente o que pensa... Tem que reconhecer que é covarde.

Uma freira bate-lhe nos ombros: "Recordando o dia mais feliz de sua vida, filha-nha?"

Doris não responde enquanto um pensamento lhe vem de súbito: "Feliz? Ah! é, eu fui feliz... Sim, quando era bem pequena"...

A menina segura um violino. De pé a classe espera que rompam os sons. Há claridade intensa onde dansam os eucaliptos. A aula dá impressão de uma caixa cheia de luz. Desafinadamente a canção francesa estorce-se no ar E tôdas cantam, num francês de colegial, as belezas da Normandia. E param. Repetem a palavra errada. "Renait à l'esperance..." "renaitalesperance..." E cantam de novo. Mais uma vez. E outra. Tudo é luz, é som, é música.

Os eucaliptos abraçam o ar com ternura furiosa. Se dobram. Sussurram, aproximam-se. As árvores inteiras vibram, enquanto cada ramo e cada folha, com sensibilidade própria acompanha o conjunto. Em tudo isso o céu é um pensamento azul demasiado intenso para se mover. E tôdas as meninas, manchas brancas na transparência da sala, são também u'a emoção do poema imenso.

Doris canta. Canta mal, errado, que importa! Assim mesmo ela se transporta à Normandia, expressa seu amor a terras nunca vistas, e à gente que lá vive. E tôda a gente que passa na rua faz parte do dia lindo. O homem de cesta ao ombro gritando "Oi a banana laranja ovos fresquiinhos", cantando nas sílabas finais, é um acorde na orquestração daquele dia.

As notas do violino enredam Doris. Ela se joga num espaço musical e translúcido, abraçando tudo, pondo tudo dentro dela. No templo imenso e pagão o cheiro dos eucaliptos e da quentura do sol é incenso se evolvendo na vibração das vozes que cantam vida e juventude.

Cessa a canção. Doris tem vontade de gritar, um grito qualquer que simplesmente a afirme. Quer correr por uma campina sem horizontes, pulando, olhando tudo como para comer com os olhos e depois... depois parar quietinha deixando que tudo penetrasse.

Doris sai da aula. Vai pelo caminho embriagada de vida. Apesar de tudo é um animalzinho novo e seu instinto mais forte ainda é viver.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrada. Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

O CANTO DO CISNE

Conto de ANTÔNIO PALADINO

Uma... Duas... Três... Quatro... São vinte cartas, contadinhas uma a uma. Dia 10-4-1937: é a data da primeira carta que êle relê. Outras mais antigas, também, estão ali espalhadas sobre a mesa. Também fotografias. Também telegramas. Um punhado de lembranças que o fazem reviver o passado. Segura um daqueles telegramas. Lê: "Minhas felicitações passagem teu aniversário — Maura". Já vai longe isto, bem longe. Aconteceu há dez anos passados, quando êle ainda se julgava o homem mais importante do planeta. Namorava Maura. Coitadinha, quantos maus pedacinhos ela passou por causa dêle. Dói até relembrar aquela bofetada mestra que êle largou, em cheio, na cara dela. Ela não chorou, nem reclamou. Rapariga tola. Tola, sim... Mas Maura, coitada, parecia achar prazer nos sofrimentos. Êle era um bocadinho sádico. Ela, um bocadinho masoquista. Recordações... Saudades... Palavras bestas, vagas, inúteis. Estranho! Êle, êle, um sujeito prático, objetivo, desperdiçar o tempo a recordar o passado. Um punhado de lembranças espalhadas sobre a mesa. Mas que faz êle? Sonha? Futilidade! Não, Otávio não sonha. Êle não deve sonhar. Êle é prático, é objetivo. Mas são as cartas... Elas tentam. Atraem. Mas, ora! Isso são vulgaridades. Perder tempo em coisas vãs, vazias... E as cartas que êle relêra? Simples passatempo. Entretanto, a saudade... Impossível! Otávio não pode ter saudade. Um rapaz realista, insensível como êle... E os telegramas... E as fotografias... Êle é prático. É realista. Maura... E é objetivo... Uma fotografia de Maura! Está linda. A cabeleira farta, ruiva. Os olhos achinezados. O rosto das bofetadas. No reverso, êle lê: "Ao querido Otávio, com todo o amor de Maura. Fica algum tempo contemplando o rosto saudoso de Maura."

Uma fotografia: dia 8-6-1935. É a sua própria fotografia. Um rapagão forte, musculoso. Era tempo prá correr ligeiro! Dia movimentado. Otávio foi o vencedor dos cem metros, nado livre. Campeão. Cartaz invejável! Carlos foi o primeiro a cumprimentá-lo. Vieram outros. Carlos era o preferido. Sairam dali. Tomaram um porre que foi um sucesso. Nessa noite, êle entrou em casa gatinhando e miando como um gato. A família não ligou. Acostumara-se com as suas artimanhas. Otávio tinha lá as suas maluquices: Durante o dia, lia e estudava. À noite, caía na farra. Tempo bom, aquele! Si êle voltasse!... Hoje... Mas, será? Saudades?... Impossível! Êle detesta esta palavra. Recordar o passado... Passa tempo besta. Não deve. Não deve, não. É vulgar. É fútil.

E o rapaz recolhe as cartas, os telegramas, as fotografias, de cima da mesa. Não deve. Não deve recordar o passado, não. É perder tempo. É o enganar-se a si mes-

mo. Os sonhos... Maura... O dia da natção... São coisas mortas. Deixemo-las ficar no esquecimento. Deixemo-las. Olhemos o futuro. É melhor. Êle não diz nada. Não decifra nada. É mais discreto. E o rapaz pensa, pensa. Deitado. Um livro ao lado: "História Universal" de H. G. Wells. Segura-o. Abre-o: Capítulo VI, Parágrafo I: A Origem do Homem. Coisa admirável! Os mais leigos naturalmente não haveriam de acreditar. A frase que mais lhe chamou a atenção: "A opinião hoje dominante, entre os homens de ciência, é a de que o Homem, como todos os mamíferos, descendeu de um antepassado de espécie inferior. O passado. O passado outra vez. Mas, agora, o passado científico, histórico. É mais prático, mais razoável."

Um espelho. Um rosto refletido nêse espelho. Rosto de mau aspecto, chupado. Os olhos afundados, arroxeados. Uma palidês triste, desenganadora. Êle se afasta abatido e acoburnhado. Examina o corpo; os braços, as pernas, o peito. Pouca carne. Músculos amolecidos, cansados. Quasi ossos... Estira-se na cama, outra vez. Agarra outro livro. Desta vez, a "História Geral de La Filosofia" de Alfred Fouillée. Edição argentina. Procura a página 58 e relê as Quatro Verdades de Buda: "Que es, en definitiva, la existencia en este mundo? Una ilusión inmensa. Hé ahí la primera verdad sublime". Interrompe a leitura. Senta-se. Cisma:

Tudo, todas as coisas, o mundo, é uma ilusão. Êle, o rapaz, êle, também é uma ilusão. Sua doença também é uma ilusão. Nada existe. Nada é. Só a ilusão. A salvadora, a confortadora ilusão, só ela existe. Só ela. A vida e a morte; o que são? Sonho. Um grande sonho. Sonhar! A vida é sonho. A vida é ilusão! Mas não! Êle não pode acreditar nisso. Não pode. Otávio é um rapaz prático, realista. Ora! A vida, uma ilusão? Êle, todas as coisas, tudo... Até a sua doença... Não, não pode ser. Não deve ser. A sua doença é um foto. Êle a sente. Sente que ela lhe rouba pouco a pouco a vontade de viver. Que o maltrata. Que o ensimesma. E quando a morte chegar... A morte, palavra agourenta! Êle não a teme, sabe que um dia há de morrer. Que importa que seja moço, que seja velho? E no entanto, êle tem apenas trinta anos de idade. Tão pouco tempo. Uma existência tão curta, tão improdutivo. Quando a morte vier... Que importa? Os homens não passam de fenômenos. De meros fenômenos. E contudo, é tão significativo aquele pensamento grego que diz: "Talvez a morte seja a vida; talvez a vida seja a morte". Espiritualista, poético, mas admirável. E o rapaz agarra o livro outra vez. Encontra o parágrafo onde parara. Entrega-se à leitura

novamente, lê, lê. A leitura não o prende. Seu pensamento foge, anda longe. Instabilidade de sentimentos. Dualismo. Larga o livro, outra vez. Senta-se. Risca um fósforo. Acende um cigarro. Silêncio. Otávio cisma, cisma...

Há alguns milhares de séculos que os vivos estão morrendo... E o homem ainda não se acostumou à morte! E no entanto, Otávio sabe, chegou à conclusão, que a nossa espécie, a espécie humana, algum dia desaparecerá e surgirá, então, outra espécie de seres mais adiantada e superior à nossa; assim como nós somos superiores às espécies anteriores dos subhomens. Neandertais, Cromagnards, etc. E quando êste dia chegar... Mas por que? Por que tantas idéias avançadas? E como êle se sente tão pequenino... E como acha a sua doença tão simples, tão humana! Vê como é inútil, tempo perdido, a gente se preocupar com uma doencinha tão vulgar. O mundo é tão velho! Os homens existem há tantos anos! A vida sempre foi assim. Amanhã ou depois, daqui a uns cem anos, ninguém mais saberá da existência de Otávio Marcos na terra. Êle estará morto, completamente morto. Pela morte e pelo esquecimento. "Tudo é efêmero: eu, minha doença, tudo. Nós somos meros fenômenos. Nada mais. Nada menos. Daquí há uns dez mil anos, a espécie humana talvez já não exista mais. Quem a substituirá? Impossível dizê-lo. Só podemos estabelecer hipóteses. Conjecturar. Sonhar o futuro. O resto não diz nada: o presente, o passado. Mas o passado... Extraordinário! Esta idéia não me abandonou. Recordar! Viver... Pensamento besta, cretino. Esta idéia nasceu com as cartas, as fotografias, os telegramas. Idiotice minha, revê-los. Besteira. Porque afinal os conservei até hoje? Não compreendo. Há tantas coisas, tantas, tantas, que não compreendemos. Mas eu não posso perder tempo com o passado! Não devo! Sou prático, realista. Passado! Vida! Recordações! Saudades! Oh! Contrassenso dos diabos. Não devo! Não posso!... Maura... A farra do meu campeonato... Outras reminiscências do meu passado... Não posso... Não devo..."

Dia 4-1-1939. Carta de Maura. Pequena, triste, inesperada. Carta de rompimento. Dia aborrecido, feio. Tarde pardacenta. Noite tenebrosa. Segunda-feira de um dia de maio. O domingo estivera ótimo. Baile, bebidas, mulheres. Maura não explicou a causa do rompimento. Uma carta sêca, lacônica, evasiva.

Dia 24-5-1939. Judite. Nova namorada. Judite era bonitinha, amável. Filosofava.

(Continua na página 11)

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. VIDAL RAMOS, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Comp. Ind. Fett Ltda.

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

PINHO

Bruto — Beneficiado — Caixaria

Escritório : Rua 24 de Maio, 246 — Caixa Postal, 16
FLORIANÓPOLIS

JOVENS AUTORES

Uma atraente fórmula cooperativa permitir-vos-á publicar em França as vossas obras (peças de teatro, romances, etc...). Escrever para informações:

EDITIONS LUTETIA

91, Rue Saint Lazare, Paris 9ème, Seine, France

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças
GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUECAS

ETC

Exclusivista dos afamados calçados Scattamaccia

RUA FELIPE SCHMIDT, 3 — FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro...

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

RUA DEODORO — FLORIANÓPOLIS

MARÇAL

Um café superior, para o seu paaldar apurado

Fabricante : A. LISBOA

BIGUAÇU — SANTA CATARINA

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Ouçam a emissora sul-catarinense dos melhores programas

ZYO-9

SOCIEDADE RÁDIO TUBÁ LIMITADA

Estúdio e Escritório : Rua Lauro Müller, 1 — 1.º andar

Caixa Postal, 72 — End. teleg. RADIOTUBÁ — Tel. 48

TUBARÃO — SANTA CATARINA

CLÍNICA DE CRIANÇAS
DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência :

Rua Presidente Coutinho, 23

Fone M. 732

Consultório :

Rua Saldanha Marinho, 16

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2.º andar

FLORIANÓPOLIS

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório : RUA TRAJANO, 29

Residência : RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

Dr. Armando Valerio de Assis

CLÍNICA MÉDICA DE CRIANÇAS E ADULTOS

Alergia (Asma, Eczemas, Urticárias e Rinites)

Consultas das 15 às 18

Consultório : Rua Nunes Machado, 7

José Vale Pereira

REPRESENTAÇÕES E SEGUROS

Sul América Vida e ramos elementares

Escritório, Rua Conselheiro Mafra — Fone 1362

Florianópolis

Santa Catarina

AVIAMENTO DE RECEITAS,
FEITO COM TODO CUIDA-
DO E SEMRE POR PREÇOS
SEM CONCURRÊNCIA

NA

FARMÁCIA MODERNA

de EDUARDO SANTOS

Rua João Pinto, 4 - Telefone, 1375
FRORIANÓPOLIS

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8
FLORIANÓPOLIS

NOTURNO

(Ilustração de HIEDY ASSIS CORRÊA)

Aprumou-se, estendeu a mão, sorriu.
— Bem, já vou indo.

Mas ficou. Mão estendida, indecisão, dúvida, pensou se sair ou ficar. Deu uns passos vagarosos pelo quarto, medindo-o, de lá pra cá, de cá pra lá.

Apertou as próprias mãos à espera de uma palavra, de um gesto, de um sinal de aquiescência. Não sabia pra que; se pra ficar ou partir.

Repetiu:

— Vou indo.

Mas tornou a ficar. Olhou para um lado e outro. Porém nada viu. Uma cortina brumosa, espessa, agora lhe tolhia a visão para as coisas próximas. Olhou, então, para a noite lá fora, para o céu negro, para as árvores do parque diluídas na sombra, para uma estrela pequenina e solitária. Se julgou, também ele, assim — pequeno e solitário. Fixou mais os olhos, a mente cansada, queria pensar — ou não queria? — não sabia em que. Moveu os dedos, olhou-os; moveu as mãos, olhou-as; moveu os braços, olhou-os com estranheza, pareciam não ser coisa dele. Tornou a olhar pra fora. Viu, lá em baixo, vultos de homens que passavam. Ficou distraído, a observá-los. Desejou estar lá, perder-se na multidão anônima, adquirir a alma coletiva do povo, não ser ele mesmo, abstrair-se do seu "eu", para não ter a angustia do momento presente.

Mas todos esses pensamentos lhe vinham como em brumas, em mistura com idéias loucas, com visões de cabeça, com reminiscências de inda-a-pouco, com alheamentos estranhos de si mesmo.

Repentinamente, pareceu voltar ao quarto. Olhou à cama desarrumada, um travesseiro atirado ao chão, as roupas da mulher na cadeira. Só. O quarto era só isto. Como é possível a mente perder-se, demorar-se em tais coisinhas? Que beleza — ou fealdade — encontrar em tais insignificâncias?

Repetiu, terceira vez:

— Bem, vou indo.

Ainda desta vez não recebeu resposta. Nem foi.

Querida dizer mais alguma coisa, tentar umas palavras amenas, explicativas, o gosto de dizer qualquer bobagem, só para quebrar o silêncio, o gelo que se fazia em torno dele.

Mas de que falaria? As palavras não lhe vinham, ou lhe pareciam tão sem significado, tão vazias, era nessas ocasiões que sentia uma raiva danada contra si mesmo.

A timidês, que coisa horrível, ficar assim parado, sentir o silêncio vir chegando, tomando conta da gente, e as mãos, que fazer com elas? os dedos,

estará-los, mexer no cabelo, depois, mão no bolso, fora do bolso, sempre assim, fazer sinais com o bico do sapato, no assoalho sujo, correr os olhos por todos os cantos, timidês, que bom se êle fôsse igual ao Paulo, êsse sim, sabia dizer tantas coisas, safar-se de qualquer situação, encontrava instintivamente, a expressão justa no justo momento, nunca se perdia...

Ele, não! A timidês... mas falar em que, numa hora dessas; que diria Paulo? Vamos ser Paulo;

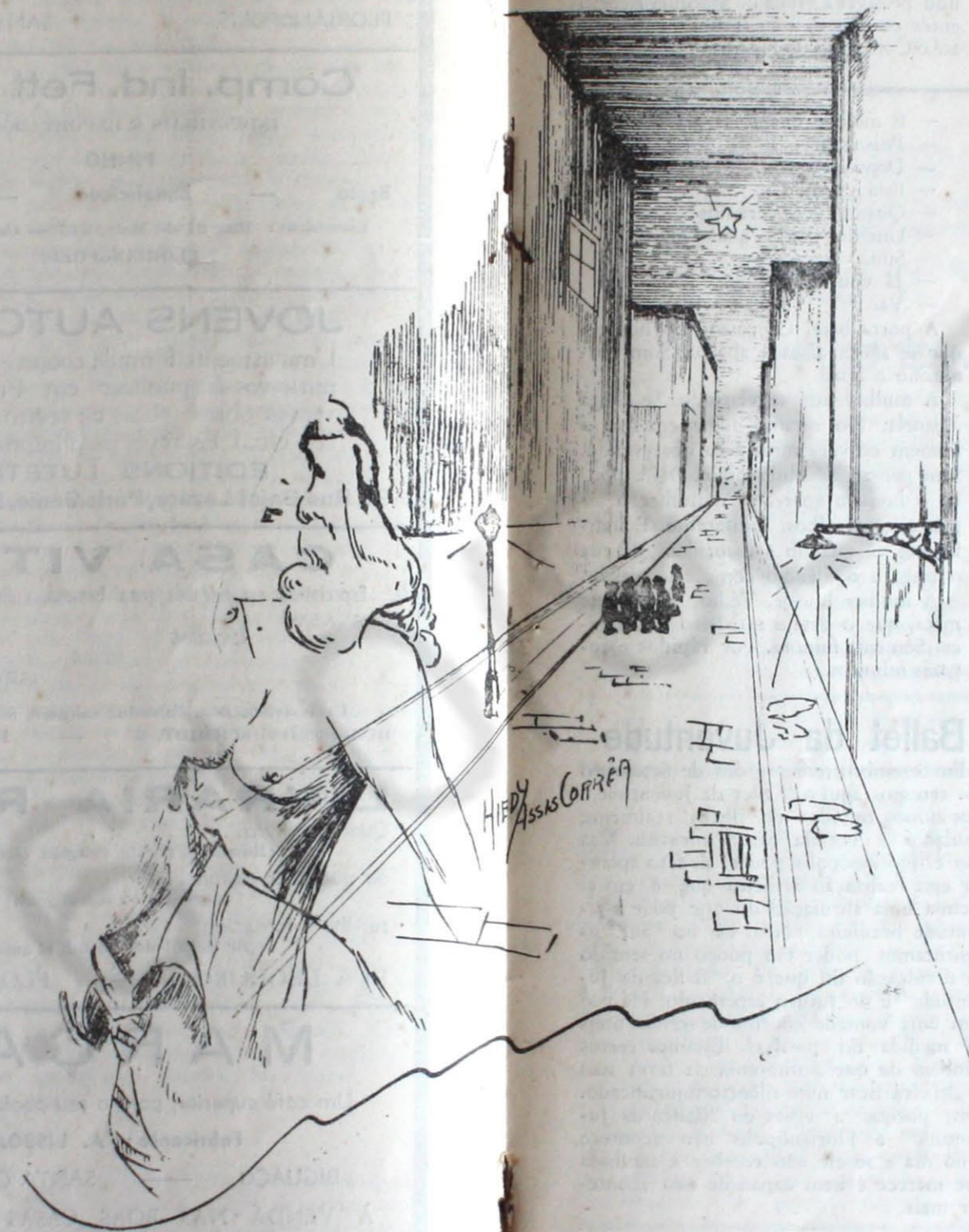
— "Minha senhora, acorda, o mundo é belo pra se estar alheado, pra se pensar, vamos viver, gozemos o mundo só, nada nós deve preocupar. Deixemos pra traz o que passou, pois como já disse o poeta "o que passou, passou". Que cada um se cuide, que cada um aproveite por si, só isto, e todos seremos felizes. Egoísmo? Não! Vamos dançar, brincar, gozar. A vida é bela? Gozemos a vida; As mulheres — ou homens — são belos? Gozemos as mulheres — ou, os homens! Existe fealdade, tristeza? É claro! Pra existir beleza, alegria. Minha senhora, já bebeu gim com vermouth, bem geladinho, whisky, puro, champagne de boca de mulher bonita? Já amou ao luar, dois copos nus se procurando, se possuindo como dois animais selvagens? A relva fresca, ah! a relva fresca! Ficar deitado depois do gozo, de barriga pro ar, acompanhando a lua, as estrelas, sem pensar, somente sentir as vezes que basta erguer a mão e poderemos tocá-los, tão perto nos parecem estar. Correr depois, se espumar no chão, sentir a carícia fresca da relva, da terra. Já brincou de dizer bobagens, campeonato de bobagens, que bom! Já".

Mas, não! Absurdo! Está falso, irreal, Paulo não falaria assim. A vida não se analisa; a vida se vive. E é o que Paulo faz. Vive a vida, Onde a vivacidade, a despreocupação, o que-me-importa de Paulo! Não sabe imitá-lo, pois transformá-o nele, faz uma mistura estranha da angustia dele com a despreocupação de Paulo, fica mais à imagem dele do que da de Paulo. Porém imaginemos que "ele" fôsse Paulo; teria coragem de falar à mulher, de encher-lhe a cabeça com o som cavo de sua voz, de alegrá-la com as loucuras tão belas de Paulo. Teria?

Sua tristeza, será que faz os que o rodeiam, tristes? Macambuzios? Terá a tristeza o poder de contagiar os outros? Como escapar à contaminação? Qual o antídoto?

(Nestas horas ele ficava trágico, patético). E pensava assim:

Noturno. Noturno melancólico nalmã, no corpo, no pensar, no modo de



viver. Sombras que se adelgaçam, que o cobrem, que o dominam. Ser outro. Para matar o ser que ele é. Indiferença a tudo. Como é mesmo aquele poema que tão bem exprime seu estado d'alma? Ah! Sombras enormes, torpor, vagar ao léu, escuridão, a máguia infinda dos minutos perdidos, da hora presente, do futuro incerto, da insatisfação eterna...

... Mas o poema, como é mesmo?

O título:

SALIM MIGUEL

E um desejo insano
De perder-me de mim mesmo
De confundir-me à noite
De ser parte do todo universal
Quando as sombras se adelgaçam
Minha angustia aumenta
Meu pavor se avoluma
Caminho sem destino
Erradio
E no negror da noite
Minha sombra se perde
Entre as sombras
(Sou eu mesmo que me perco)
Tento encontrar-me
Tento evadir-me
Quando as sombras se adelgaçam
E todo o mistério se faz mais mistério
Eu tremo sem saber porque
Busco em minha própria covardia
A coragem de resistir
De persistir
Mas sinto que à medida
Que a noite avança
O negro que domina a natureza
Cobre minh'alma de tristeza
E de melancolia
Quando as sombras se adelgaçam
Eu sinto uma vontade louca
De não ser eu mesmo
Para matar
O ser
Que eu sou
E que me atormenta
E vendo a inutilidade de meu esforço
Caminho sempre em vão
Perco-me na noite de mistério
Deixo que o vento me carregue
Qual folha pelo chão
Pervago a amplidão
Visito mundos outros
Em busca de meu "eu" desconhecido.

Olha à mulher estirada no leito. De olhos bem abertos ela o fixa. Indiferente. Vê que disse o poema em voz alta. Cora. Fica com raiva de si mesmo. Não sabe se por ter dito o poema em voz alta, por ter corado ou pela indiferença da mulher.

Tenta fixar os olhos nos bicos retesos do seio da mulher. Desce os olhos. As ancas, a penugem escura do ventre, as coxas lisas, os pés. Sobe novamente os olhos, percorrendo com vagar, todo o corpo. O desejo. A mulher fuma em silêncio. O desejo. Longas baforadas. O desejo. As espirais da fumaça a envolvem. O desejo. Ela vai desaparecendo... desaparecendo... aos olhos turvos do homem. O desespero, agora, é uma forma de desejo.

Fixa-a com furor. Sente que um ódio intenso o domina. Não quer mais desajar. Pensa:

Porque está ela ali tão em paz, tão calma? Minha angustia, quero reparti-

la com ela. Odeio a paz, a calma, o silêncio pegajoso deste quarto. Odeio a mulher que está nele, que fuma despreocupada, que ainda a pouco me deu o gozo passageiro da sua carne, mas que não aplaca meu desejo. Odeio tudo que a rodeia, que a contamina, que a tateia. Os homens que passam lá em baixo e que a possuem com os olhos. A poeira das ruas que a visita e se infiltra nela. O vento que a penetra. O cheiro que lhe impregna o corpo...

— Já vou indo.

O vulto da mulher se move e o olha. Só. Um olhar rápido, faiscante. Talvez nem o tenha visto. Ele não tem tempo nem de observar, de definir nada. Será olhar de desprezo? De angustia? De chamado? De espera?

Não sabe. E não vai.

Corre a mão sobre a cadeira. Primeiro o vestido. Depois um pé de meia de seda. Agora alcança um livro. Abre-o. Alguem, antes deles, o terá esquecido ali. Quem?

A Laura, com toda a pureza de meu eterno amor. — Henrique.

Em letra caprichada. Olha à data. 8-3-945. Com toda a pureza do meu eterno amor! bah! eterno amor! Pureza! Bah! Pureza! Palavras. Palavras. Está aqui, a pureza, o eterno amor, veio acabar aqui, aqui neste quarto. Imbecis! Nem olha o título do livro. Atira-o ao chão, violento. Com raiva. Eterno amor!

Volta à janela. A única estrela desapareceu. Repara lá em baixo. A rua está vazia, calma, livre do contacto impuro dos homens. A rua respira, feliz. Noturno. Silêncio.

O homem chega-se mais, se debruça à janela, aspira o cheiro bom da noite, da escuridão. Um cheiro prenhe de odores novos — mas, curioso, que lhe parecem íntimos, conhecidos. Seu corpo vibra, aos mil ruídos indistintos do silêncio, da noite. E um desejo de integrar-se à noite, à natureza, ao todo, o domina.

Sente como uma vontade de se empurrar, de se livrar de si mesmo. Atirar-se da janela, ver-se despedaçar nas pedras lá de baixo, e ficar rindo de si mesmo. Depois, descera, calmamente, irá olhar seu corpo morto, os comentários, suicídio, assassinio, as mil desencontradas opiniões, por que, qual a razão, não havia motivos, um homem tão bom, etc.

Vai se chegando de mansinho, prá não se espantar, que ele não se veja, vai se empurrar, oh! como irá ele se rir, quando liquidar o inimigo e ser ele mesmo, o inimigo que o impede de ser

MARQUES REBELO EM FLORIANÓPOLIS

Agora podemos afirmar, como certa, a vinda de Marques Rebelo à nossa capital. Como nome entre os escritores brasileiros ele já é sobejamente conhecido. A sua visita à nossa cidade, porém, nos trará um outro Marques Rebelo: divulgador de arte e batalhador pelo elevamento de nosso bem triste nível cultural.

Traz à nossa cidade pintores sobre os quais muito falamos, mas de cujas obras só conhecemos reproduções. Portinari, Pancetti, Legall, Santa Rosa etc...

Muitos pintores estrangeiros também serão apresentados ao público de Florianópolis.

E não é só, ainda há mais: Marques Rebelo no recinto da exposição reali-

zará várias conferências sobre pintura, usando como ilustração demonstrativa as próprias obras expostas.

Para terminar assinalamos o interesse do Sr. Secretário de Educação e Saúde e do jornalista Jorge Lacerda, que tornou possível a vinda de Marques Rebelo entre os dias 19 e 21, ficando entre nós até o Congresso de História Catarinense.

como os outros, que o impele para coisas absurdas.

Está agora atrás do outro "eu", sente que vai encostar as mãos no ombro "dele", encostou, vai empurrar, num só sacão rápido, agora...

— Já vais?

Sobressalto. A mulher sente-lhe o sobressalto, como se ela é que se houvesse sobressaltado. Sente, instintivamente, o outro "eu", o assassino se recolher com medo e despeito. A mulher observa o homem virar-se. Com atenção. Sentada na cama o encara. Vê-lhe as feições alteradas. Sente no corpo os olhos do homem. Ele lhe olha os seios agora caídos, sem a antiga dureza de quando ela se encontrava deitada, com o busto esticado. Os biquinhos estão arroxeados. A mulher nota que os olhos do homem lhe descem para as pregas do ventre, encolhido.

Ela, está um tanto confusa, parece-lhe, que só agora o vê. Olha-o com estranheza.

Repete:

— Já vais?

Pensa em como ele saiu sem que ela o notasse. Ficava numa maré de gozo, o corpo todo vibrando, tinindo, parecia-lhe que boiava, entre as nuvens, entre as nuvens, se perdia não se lembra de nada, tombara num poço imenso e negro, caindo sempre mais, sempre mais... Se lhe dissessem que fumou, que olhou para o homem, que o encarou mesmo, não acreditaria. Agora é que voltou de seu delírio, estranha ver o homem vestido, pronto para sair. Sente uma lassidão, uma moleza por todo o corpo, um cansaço bom. Ou não será bom?

Repete terceira vez!

— Já vais?

As palavras lhe escorrem molemente da boca, ficam pairando no ar, o homem as recolhe mas não retribui. E os dois, calados, ficam observando o silêncio de mãos de seda e pés de veludo, que chega, manso, o os sufoca, os esmaga, enchendo todo o quarto. Eles não encontram o que dizer, se olham, desviam os olhos, o homem volta a andar, prá lá, prá cá, a mulher sempre sentada, as mãos em cruz, o cabelo negro lhe caindo sobre os ombros.

— Já vais?

A mulher diz e se ergue. Tem um corpo felino. O homem não responde.

Os dois se encaram. Com ódio. Com asco. Envergonhados. Com agonia, um mal estar que não sabem explicar. Lhes parece tão bobo, tão idiota, tão sem sentido o que fizeram: E ao mesmo tempo — como explicá-lo? — tão subliime como se fosse a razão de tudo à face da terra. Como se tudo girasse em torno "disso". Mas o ódio perdura. — Se insinuou de mansinho, no quarto, e domina tudo. Eles podem senti-lo boiando no ar, em redor deles, quasi, poderíamos dizer, o apalpa. Se encaram. Sabem que até que se encontrem novamente e, como um animal ante diluviano, se enrosquem, se mordam, se possuam, suguem o sangue um do outro, o ódio permanecerá. Porém agora, nesse momento, se odeiam com mais violência. É que um tem presente, o segredo do outro, a fraqueza do outro, o instinto animalesco do outro. Se encaram.

— Já vais?

— Vou indo.

Alguns Aspectos do XI Congresso Nacional de Estudantes

(Conclusão da página 16)

tes ante os problemas nacionais e a administração.

Numa democracia não se pode cometer arbitrariedades e desrespeitos como o atentado da polícia política do Distrito Federal arrancando os dísticos colocados em frente à UNE e alusivos ao Congresso; numa democracia deve-se ouvir os protestos dos moços estudantes do Norte e do Nordeste que clamam por cumprimento dos planos governamentais afim de sustar os flagelos do homem daquela terra brava — a fome, o atraso e o abandono; numa democracia a miséria dos Estados nortistas não se combate com miséria; os problemas nacionais não se solucionam apenas com palavras ou projetos; em regime algum o pensamento deve preceder a ação sem que a ação nunca se efetive.

O clamor da juventude, as vozes dos Estados, demonstraram, no Congresso, que os estudantes têm o espírito inquieto e animador e o coração sempre voltado para a pátria, e não se cansam de lutar pelos problemas da classe, do povo, pela Justiça, por aquele princípio que Rui Barbosa defendeu: a força do direito contra o direito da força.

— É melhor que saias primeiro.

— Pois bem

— Depois eu vou.

— Está certo.

— Quando nos veremos?

— Um dia dêsses qualquer.

— Sim.

— Já vou.

— Vai.

A porta bate. Os passos do homem que se afasta. Escada abaixo. Som monotono e igual.

A mulher está se vestindo. Se chega à janela. No mesmo lugar em que o homem estivera antes. Fica observando. Sem pensar. Só observando. Daí a pouco o homem aparece. A mulher o segue com os olhos. Indiferente. E indiferente vê quando a escuridão da rua o traga e o silêncio como seus passos.

A mulher boceja. Tédio, tédio que mata, que o desejo satisfeito não aplaca. Somente minora. Por rápidos e fugazes minutos.

Ballet da Juventude

Em Setembro, em meados de Setembro nós teremos aqui o "Ballet da Juventude". Aos nossos ouvidos de ilhéus realmente insulados a notícia parece mentira. Mas não é. Florianópolis poderá de fato aplaudir essa realização artística que é em si mesma uma afirmação do que pode a juventude brasileira. Nós cá do "Sul" só lamentamos poder tão pouco no sentido da divulgação do que é o "Ballet da Juventude" e do futuro espetáculo. Há porém uma vontade enorme de sermos úteis na medida do possível. Estamos certos também de que a imprensa da terra não se deixará ficar num silêncio injustificado. Sim, porque a visita do "Ballet da Juventude" a Florianópolis não acontece todo dia e se ele não receber a acolhida que merece é bem capaz de não acontecer mais.

"Sul" encontra-se à venda na Livraria Moderna, à Rua Felipe Schmidt, 8.

Cristãos, ateus, políticos de correntes diversas, apolíticos, compreenderam, todos, a significação do XI Congresso Nacional de Estudantes razão por que os moços do Brasil devem labutar com denodo pelos justos interesses da classe e do povo, porque somos o vínculo entre os governados e os que governam.

DIRCINHA MALUCA DA ANTIGA DESTERRO

BEATRIZ BANDEIRA

Dircinha Maluca dos cachos de ouro
vestido vermelho
parece uma chama!

Dircinha Maluca dos olhos cinsentos
de um verde cinsento
da côr dêstes mares.

Dircinha Maluca de gestos tão sujos
mas de alma tão limpa
tão limpa e tão pura
da côr destes céus.

Dircinha Maluca debaixo da chuva
tremendo de frio, brincando de amôr...
A roupa alagada colada no corpo
colados os cachos no rosto infantil.

Dircinha Maluca, de corpo de pluma
tão leve e tão frágil

que o vento da tarde
bem pôde levar...

Dircinha Maluca da antiga Desterro
buscando os incautos nas sombras do cais;
correndo de um lado, fugindo prá outro,
parece uma chama que o vento açoitou...

Prendendo os incautos nos braços de fogo
queimando-os no corpo de brasa candente,
Dircinha Maluca, que pena me dás!...

E ao vêr-te tão leve, correndo e saltando
com as vestes vermelhas voando no vento
e os cachos dourados dansando no ar...

...eu penso que um dia o minuto te leva
te arranca da terra prá dentro do mar.
Então há de ver-se! Bem sei que há de ver-se!
as gélidas ondas arder, pegar fogo,
e o incêndio vermelho queimando no mar...

POEMA

Armando S. Carreirão

Trabalha homem! trabalha!
Que a vida é um rôlo de chumbo
Com uma casquinha de ouro
Tão frágil como o saber
Corre homem! No campo,
Na estrada, na calçada..
E encontra teu céu
Dos esconderijos nascem os homens
Medidos pêlo relógio:
Em segundos, minutos e horas.
Nos abismos êles desaparecem
Medidos pêlo relógio:
Em segundos, minutos e horas.
Cada buraco uma esfera,
Um reflexo de espelho.
Cada arco uma reta

E dois insetos nas extremidades.
O oceano que é a água de côres
Nos banha, nos limpa
E nos carrega sem sentido..
E a vida dispara-se violentamente
como o projétil de um canhão.
E quando o dedo indicador diz:
"E' madrugada"
Formigueiros de dedos repetem
Avisando mais batalhas
De sangue contra sangue
De carne contra carne.
E lá de longe saem lanternas
De chammas multi-formes
Que velam e velam..
Perdendo a noção do tempo.

(Conclusão da página 6)

Divagava. Uma sonhadora. Discutia literatura. Dissertava sobre música. Professora sobre arte coreográfica. "Não, Isadora Duncan não foi a criadora do ballet moderno. Pode ter sido um dos precursores. A verdadeira, a grande criadora do ballet moderno, foi Mary Wigman. Técnica extraordinária. Um embevecimento da filosofia oriental. Um jôgo de experiências psicológicas". Judite era melhor que Maura. Passeios, diversões, luar. O tempo passando, correndo. Parece inacreditável: Otávio fazendo declarações de amor! Contemplando o luar! Compondo poemas à lua! À sua nanorada! Tudo muda. Otávio mudou. Rapaz prático, realista, Otávio mudou. Rapaz prático, realista, Otávio já não crê nestas coisas. E a gente envelhece, e Otávio envelheceu. E a gente cria mais juízo, e Otávio criou mais juízo. E a gente ganha mais experiência, e Otávio ganhou mais experiência.

Fotografia de um quadro de futebol. Otávio no meio. Tempo de colégio. Partida difícil. Otávio recebeu três caneladas. Marcou dois golos. Foi uma vez prá fóra de campo. O tornozelo ficou em petição de miséria. Otávio centro-avante. Otávio

foi o melhor homem em campo. Pobre medalha que ficou no "prego"!

Telegrama. Data: 4-7-1945. Êle lê: "Envia notícias tua saúde. — Teu Pai". Saudades no pai. Morreu no fim daquele ano. Tristeza. E êle lá naquele casarão isolado, descampado. Pessoas casmurras, cabisbaixas. Silêncio. O ar da serra. Noites medonhas. Estrêlas sem brilho. Lua pálida. Manhãs tristonhas. Tardes agourentas. Os dias passaram. Otávio voltou seis meses depois. Mais forte, mais corado. Encontrou a mãe, as irmãs, que o esperavam. Conversas, alegria, lágrimas. O pai morrerá por aqueles dias. Um ano passou. Dois anos passaram...

Mãos trêmulas. Respiração ofegante. O suor banhando-lhe o corpo. Otávio tenta agarrar nova carta. Mas, não! Que é isto? Êle então se esqueceu? Está sonhando! Agarrando-se ao passado para viver! Otávio é um rapaz prático, realista. Êle sabe... É inútil agora. A traqueza. Êle sente a cabeça rodar. Tudo roda: o mundo, os homens, os fenômenos... Nós somos meros fenômenos. A morte é uma coisa fácil. É ilusão. É sonho... Mas será mes-

mo? Por que tememos a morte? Será por causa do esquecimento; por causa da incerteza? E no entanto, todo isto são ninharias em comparação com o fim inevitável da espécie humana. O homem se extinguirá algum dia. Virá uma nova espécie. Uma espécie mais inteligente e superior à nossa... Mas Maura... Judite... A medalha que ficou no "prego"... Tempo bom... Si êle voltasse... Tudo isto desaparecerá antes. Uns dez ou doze mil anos antes...

Um momento de delírio: silêncio. Cabelos desalinados. Olhar fixo, parado. Mal-estar intenso. Pernas cambaleantes. Sensação de queda, de vazio, de medo. Êle se atira afoitamente às cartas, às fotografias, aos telegramas. Agarra-os, beija-os. Chora.

Um instante de lucidez: "Eu só me tornarei imortal, quando os novos seres estudarem a nossa era. Êles falarão da espécie humana. E eu sou parte dêste todo. Uma partícula da espécie humana. Otávio Marcos, professor, doente, etc. já não será mais nada. Haverá apenas o Homem. O Homem como espécie, no sentido histórico e científico da palavra".

UM HOMEM SEM PAISAGEM

Peça em 1 ato de ODY F. e S.

(Levada à cena no dia 7 de Novembro de 1947, pelo Teatro de Câmara do C. A. M.)

PERSONAGENS: Martell — 40 anos.
Moça-bonita — 20 anos.

CENÁRIO — Palco de um pequeno teatro. Os cenários estão desmontados. Cenoplastias encostadas às paredes. Cordas descem de cima. Alguns fundos meio suspensos. No centro da cena algumas poltronas e uma mesa sem arrumação alguma.

CENA ÚNICA

(MARTELL está sentado displicentemente em uma poltrona, lê um manuscrito. Para a leitura. Joga o manuscrito sobre a mesa e toma uma posição de quem vai interpretar um drama (qualquer).)

MARTELL — Assassino! Assassino! Fingiste ter-lhe amor e a mataste. Ela, Ela que todos amávamos. Mataste a nós também. Assassino! Assassino!

(Entra MOÇA BONITA. MARTELL não a percebe. Sem ruído senta-se em uma cadeira que está ao fundo, à esquerda.)

MARTELL — Nosso amor! Nosso único amor! Não mais vive. Oh! Tremenda angústia.

(Caminha para perto da ribalta e de dedo em riste volta-se para jogar uma ameaça, quando vê MOÇA BONITA. Fica imóvel.)

MOÇA BONITA — Olá!

MARTELL — (Embaraçado) — Em que posso servir-lhe senhorita?

MOÇA BONITA — Está por acaso o senhor diretor?

MARTELL — Não, não está. Creio, porém, que virá breve. (Com certeza) — Não quer passar para uma poltrona? É mais cômodo.

MOÇA BONITA — Oh! Muito obrigada — (ocupa uma das poltronas. MARTELL senta-se por perto.)

MARTELL — A senhorita é atriz?

MOÇA BONITA — Bem... ainda não, mas é, no entanto, o sonho de toda a minha vida.

MARTELL — E por isso vem a procura do diretor?

MOÇA BONITA — Sim! Oh! Será a minha maior alegria conseguir este lugar. Quero viver. Viver várias mulheres. Encarnar diversas sensibilidades e diversos tipos. Viver nos mais diversos ambientes. Quero ser pura e ser imoral. Viver. Viver intensamente em todos os papéis que tiver de representar.

MARTELL — O seu propósito é viver. Viver o que terá de simular? É curioso.

MOÇA BONITA — Curioso? Porque?

MARTELL — Viver como principal movel de uma existência, é uma bela filosofia. Mas porque não o faz realmente? Ser pura quando tiver vontade. Entregar-se ao primeiro homem que encontrar, quando isso lhe aprouver. O maior crime que praticamos contra nós mesmo é a simulação. Suportarmos uma ópera quando temos vontade de ouvir samba. Aturarmos uma conferência sobre moral e religião com vontade de dizer palavrões. Não! Não pode ser assim. Temos necessidade de viver, mas devemos fazê-lo sinceramente. Sem artíficos, sem matarmos nosso eu para formar còro com a paisagem em que vivemos. Paisagem que não admitimos, mas aceitamos, pecando contra todo o princípio móvel do nosso ser.

MOÇA BONITA — É curioso!... Então o senhor acha que?

MARTELL — Sim!

MOÇA BONITA — Eu tenho, porém, uma família. Esta família possui a sua tradição, posição social, seus princípios, sua religião...

MARTELL — É feliz com tudo isso?

MOÇA BONITA — Não!

MARTELL — Então por que ser hipócrita? É um crime matar todo o princípio vital da nossa existência para dançar ao compasso da música, que não escolhemos, mas que nos foi imposta.

MOÇA BONITA — Que fazer? Não posso quebrar toda a estupidiez e a cretinice de um conceito formado através de séculos de rotina e hipocrisia. Minha tendência natural é atingir o próprio fim da minha existência. Embriagar-me quando isto me for de agrado, meter-me na cama com um homem se ele me interessar. Porém, não tenho forças para realizar a minha finalidade.

MARTELL — Prefere então suicidar-se em vida?

(MOÇA BONITA faz um gesto de desolação) — É um crime. Um emendo crime. Noventa por cento dos nossos antepassados sacrificaram-se para viver dentro da paisagem que encontraram. Não acha já ser tempo de acabar com tudo isso?

MOÇA BONITA — Não sei... Temos uma tradição moral, uma religião...

MARTELL — Há! Mas é justamente isso o que nos prende, é esta a causa da nossa escravidão. Acredita, por acaso, que todos estão contentes com esta moral? Com esta religião?

MOÇA BONITA — Não!

MARTELL — Não acha que já é tempo de deixar-mos os princípios desta moral de uma vez, e criar nos a moral que nos convem? Mais concêntrica conosco e mais sincera?

MOÇA BONITA — Que moral?

MARTELL — Não sei... (pausa) — Creio que poderíamos chamá-la de: Moral Biológica.

MOÇA BONITA — Que vem a ser: Moral Biológica?

MARTELL — Não sei... Não posso explicá-la, no entanto a sinto. Uma moral, por assim dizer, natural. Conforme com nossos instintos, com nossa índole...

MOÇA BONITA — Eu sei, compreendo-o perfeitamente. E quanto a religião?

MARTELL — Não acha já ser tempo de dizermos tudo o que realmente pensamos sobre Deus e Cia?...

MOÇA BONITA — Sim... (taciturna) — Mas quem irá fazê-lo?

MARTELL — Eis aí o nervo da questão. Nossa ganhelice e covardia são suficientemente grandes para o não permitir.

MOÇA BONITA — Eu sei... Sim, eu sei...

(Mudando de tom) — Mas afinal de contas quem é o senhor?

MARTELL — Oh! Um homem sem paisagem.

MOÇA BONITA — Um homem sem o que?...

MARTELL — Sem paisagem. Já fui ator. Hoje sou ajudante de contra-regra. Já vivi, neste palco, os mais diversos papéis, como a senhorita deseja fazer. Fui príncipe, rei, vagabundo, gigolô, eunuco, capitalista, galã, amante, corno — Oh! desculpe a expressão —

MOÇA BONITA — Não se assuste!

MARTELL — Vivi nos mais diversos cenários. Casas ricas, palácios, casebres, cabarés, lupanares, e hoje sou um homem sem paisagem. Todo o cenário de minha vida está aqui. Olhe para estas paredes. Estão encostadas aí toda a paisagem de minha existência. Hoje não mais a possuo.

MOÇA BONITA — Eu compreendo. Compreendo perfeitamente. É triste!

MARTELL — Não, não é triste. É real. Profundamente real. Tragicamente real.

MOÇA BONITA — Estou desorientada. Meus propósitos não eram ser artista e o senhor me desiludiu. Que sugere?

MARTELL — Que viva. Mas evite sempre as atitudes falsificadas. A senhorita deve procurar o seu princípio ex-

SINFONIA INACABADA

O. MALHEIROS Jr.

E pensar que ela já teve alguma coisa dentro da cabeça...

Saber que já havia sido menos fútil, mais compreensiva...

Resolvi sair. Lá fora a chuva havia cessado de cair. Entrei no primeiro café aberto. Ninguém conhecido... Que fazer?... Tomei a bebida... gosto ruim... (coisa que nunca me acostumei foi a estes tais de aperitivos)... como está cheio este boteco!... Ninguém... eu preciso falar com alguém...

— Vem cá, preciso contar-te uma...

*
* *

— Olha... ela era muito "boa" mesmo, dava água na boca de quem a olhava; imagine, eu era casado com ela... Mas no fim dum mês começou a se chatear de mim... tentei de todas as maneiras possíveis mantê-la por mais algum tempo... mas nossas relações foram esfriando, esfriando... no fim nos víamos no máximo uma vez por semana.

pontaneamente, sem artificios. Sinceramente. Acima de tudo deve ser profundamente sincera.

MOÇA BONITA — Quebrar toda a tradição de uma família é de uma sociedade?

MARTELL — E porque não?

MOÇA BONITA — Não deixa de ser uma solução. Parece-me mesmo, a melhor solução.

(Pausa. Medita).

Sim... a única solução...

(De repente).

E o senhor, porque não fez, ou não faz o mesmo? Não está pregando com tanto ardor este princípio que ambos admitimos?

MARTELL — Sim, porque não faço o mesmo.

(Pausa).

Tenho quarenta anos e cheguei à esta conclusão muito tarde. Muito tarde...

MOÇA BONITA — (Como que revigorada por uma força interior). — Não, não é tarde. Venha, venha comigo, vivamos nossa vida. Seremos dois. Dois que realizarão a sua finalidade. Aproveitemos o tempo que nos resta. Recuperemos o tempo perdido.

(Levanta-se. Faz MARTELL levantar-se, puxando-o pela mão). — Venha comigo. Vamos. As luzes começam a acender. A noite está chegando. Penetremos na penumbra e sigamos em busca da vida.

MARTELL — É uma idéia... É uma idéia...

MOÇA BONITA — Sim, uma idéia. Quando o dia surgir talvez já tenha encontrado o movel de minha vida.

MARTELL — E eu minha paisagem...

MOÇA BONITA — Vamos. Cada segundo, cada minuto a mais é tempo perdido. Partamos. As luzes estão acesas. Talvez antes que se apaguem encontremos nossa vida. Nossa paisagem. E se se apagarem antes disso, de novo brilharam.

MARTELL — Sim, de novo brilharam... minha paisagem.

(Pausa. Resolutamente). —

Não, não mais é possível. Perdi toda a perspectiva. Não saberei viver fora desta gaiola. Estou preso. Acorrentado. Aqui não mais tenho paisagem. E a esperança de encontrá-la é o motivo de minha vida e no dia em que a encontrar morrerei, pois terminará aí minha razão de ser. (Pausa) — Vá. Vá depressa enquanto é tempo e volte um dia destes. Eu estarei sempre aqui, sem paisagem...

(MOÇA BONITA retira-se lentamente. MARTELL afunda-se em uma poltrona).

PANO

Naquele dia, quando voltei do escritório não mais a encontrei (aliás como era de esperar). Pensando bem, ela teve razão em ir procurar com outro a vida que comigo não encontrou... Deu o fora...

Porém no momento não pensei assim. Logo que soube fiquei doído, quis me matar, matar a cozinheira, o jardineiro, os vizinhos...

Só depois de muito tempo me lembrei de matar os dois "criminosos"; fiz um plano magnífico, preparei tudo, me informei da casa onde moravam ela e êle (nesta ocasião eu já sabia quem era êle).

Comecei a preparar o ambiente... vaguei por todas as ruas, embebedei-me pra arranjar uma desculpa, não um "alibi", mas uma justificaçõzinha para o que seria classificado de "loucura".

No dia que havia escolhido para a consumação do "fahetim", lavei-me, tomei café, e rumei para a futura casa fatídica; ao chegar acariciava (como nos romances policiais) o revólver de 6 tiros (carregado) que havia comprado no "bric-a-brac" da esquina...

Quando bati na porta, atendeu-me uma empregada com cara de sono que, depois de lhe ter explicado que queria falar com o "seu" Mário e sua "mulher", me fez entrar.

Analisei demoradamente a sala... alguns quadros, sem maior valor que o da moldura, decoravam as paredes... o chão estava coberto por um tapete felpudo aonde queimava a ponta de cigarro que eu havia atirado ao entrar.

Pelo barulho vindo do quarto "deles" desconfiei que na noite anterior haviam andado em alguma farra... e desta vez a ressaca serei eu... pensava com um sorriso satânico (não podia ser de outro modo).

Já estava impaciente... O final se aproximava, dali por diante teria que levar mais a serio o papel de vilão.

Os fortes rugidos do Celestino denunciavam um rádio nas proximidades...

— "... da pobre mãezinha, o pobre coração..."

Subitamente vencendo a indecisão das minhas pernas, consegui fugir... olhe, não foi por medo da polícia ou da cadeia, foi porque achei demasiado ridículo o meu papel e, principalmente, o fundo musical da minha tragédia...

*
* *

— Bem, boa noite!...

— Boa...

CLUBE DE CINEMA DE PÔRTO ALEGRE

Houve época, no Brasil, em que o cinema era tido simplesmente como um divertimento para depois do jantar ou o meio de encher uma tarde de domingo. Cinema encarado como arte não se compreendia. Muitos filmes de real valor passavam despercebidos ou mesmo mal aceitos pelas platéias. O combate a essa desvalorização e a luta por melhor compreensão do cinema como arte fez-se mister. Grandes armas são os Clubes de Cinema. Em Pôrto Alegre, dia 13 de Abril do corrente ano foi fundado o Clube de Cinema Pôrto Alegre. Realização que nós sinceramente aplaudimos, e porque não falar sinceramente, com uma pontinha de inveja por não termos ainda podido transpor os obstáculos que nos impedem de fazermos o nosso.

Recebemos do Clube de Cinema de Pôrto Alegre um officio comunicando a escolha da Diretoria que assim ficou constituída:

Presidente, P. F. Gastal; Vice-Presidente, Osvaldo Goidanich; Primeiro Secretário, José Amádio; Segundo Secretário, Clovis Assumpção; Tesoureiro, Francisco Araujo; Conselho Fiscal: Plínio Moraes, Nelson B. Faedrich e Fernando Corona.

Temas em Revista

1 — CONGRESSO DE HISTÓRIA.

Aprestam-se os arraiais das letras aqui da terra, para o Primeiro Congresso de História Catarinense, a se realizar em breve. A comissão organizadora vem trabalhando intensamente e já tem recebido adesões de escritores e historiadores de vários Estados, assim como elevado já é o número dos que irão apresentar trabalhos.

2 — BOATO NOVAMENTE ?

Mais uma vez fala-se na vinda do escritor Marques Rebelo, que já tem percorrido vários Estados do país e mesmo levou até além fronteiras a sua exposição de quadros de nossos pintores contemporâneos, bem como vem realizando palestras explicativas.

Há tempos atrás noticiamos sua vinda. Agora a notícia nos chega através de pessoa que falou diretamente com o Sr. Secretário de Educação. Esperemos. Quem sabe se desta vez teremos a oportunidade de ver concretizada essa aspiração. E cremos até que já vem tarde. Porém, como bem o diz o ditado "antes tarde do que nunca".

3 — CONGRESSO DE POESIA.

Em Fortaleza, Ceará, breve, o segundo Congresso de Poesia. O primeiro foi realizado em 1942 e de seu sucesso nos falam ainda hoje as revistas de novos. Foi o toque de reunir não só dos poetas, mas de todos os que se interessavam pela cultura.

O Congresso de agora, conforme as notas que temos lido deverá reunir jovens de todo o país (principalmente do norte) que discutirão seus problemas estéticos e artísticos.

Uma boa nova para nós cá do sul, tão distantes e praticamente impedidos de comparecer pessoalmente: não precisaremos ir lá para tomar parte, mas apenas enviar trabalhos para o mesmo (teses, comunicados, propostas, poemas, etc.).

E só nos pode causar satisfação o ver unida num conclave, que será também, estamos certos, uma festa de amizade, a inteligência nova do país. Estaremos lá por intermédio dos nossos trabalhos e desde já todo o nosso apoio aos congressistas de poesia.

4 — AS IGUALDADES.

Pensávamos, nós cá do "Sul", que as dificuldades para a manutenção de uma revista do gênero da nossa, fôsse maior aqui. Vemos porém que as dificuldades são as mesmas em toda a parte. Dificuldades e incompreensões. Lendo uma nota de "Clã", a vitoriosa revista do Ceará, deparamo-nos com um período que nos parecia conhecido. Onde? Não o saberíamos dizer. Onde a teríamos lido? Não era possível! E ficamos a matutar.

Depois então é que a coisa se esclareceu. E era tão simples! Nós não havíamos lido o tal período. Ele estava dentro de nós, ele era o reflexo de nossa situação. Nós o trazíamos conosco. Porisso é que nos pareceu tão conhecido.

Havíamos pensado em escrever um artigo sobre as dificuldades e incompreensões com que vem lutando "Sul". Porém melhor do que escrevermos, é transcrevermos a de "Clã". Aí está:

"Apesar disso, no Ceará existe um certo clima de oposição a esta revista, principalmente por parte de determinado grupo de intelectuais ou pseudo-intelectuais que, sem co-

ragem de realizar algo de proveitoso para as nossas letras, acham que esta revista pertence apenas a um grupo e que esse grupo nada tem feito pela literatura cearense. Isto no entanto não nos afeta, pois "Clã" pertence a todos os que queiram cooperar no movimento de renovação literária que ora se processa entre nós. Nesse sentido temos instado com todos os intelectuais conterrâneos a que se utilizem das nossas páginas para a publicação de suas produções. O que não poderemos fazer é deixar de publicar esta revista simplesmente porque esses literatos não nos dão a honra de suas colaborações e muitos sub-literatos se mordem de inveja pelo que fazemos". ("Clã", n. 3, Junho 48 — Ceará).

5 — ORQUESTRA JUVENIL DE FLORIANÓPOLIS.

Assistimos, dia 30 de Julho, ao festival da Orquestra Juvenil de Florianópolis, realizado no Teatro Alvaro de Carvalho, em comemoração do primeiro aniversário de fundação da sociedade.

De início, os nossos parabens aos organizadores. Queremos deixar aqui, bem expressas, as nossas simpatias pelo movimento deles. Um movimento que, sabemos, é cheio de dificuldades e incômodos. Lutando com uma série de dificuldades, com o mínimo de apoio possível, eles estão se mantendo e, o que é inegável, melhorando de espetáculo para espetáculo. Se erros houve, nesse de que falamos (e alguns bem flagrantes até) seria mesmo humanamente impossível que não os houvesse. Em todo caso como julgamos que a crítica sincera vale mais que o mero elogio, apontaremos os que na nossa opinião mais se fizeram notar e que poderiam muito bem não ter existido.

De início aquele clarim, dando um tom carnavalesco ao espetáculo. Achamos de muito mau gosto.

Dos conjuntos apresentados, não gostamos do quinteto de músicas selecionadas. Sem unidade, sem execução à altura, um tanto indeciso.

Outro ponto fraco foi a extensão do programa que, quese poderíamos dizer, substituiu a qualidade pela quantidade. Reduzido um pouco o número das músicas apresentadas, teríamos tido um espetáculo à altura e que bem mostraria a cultura e o gosto de seus organizadores.

A música, para nós, deve ser dada em doses não demasiadamente alongadas. Principalmente quando música de classe. Também deve ser de gênero mais ou menos idêntico. A mistura esgota os nervos, cansa a sensibilidade, faz com que para o fim o espírito não mais possa se concentrar, a carga que ele traz é demasiada. Acaba tendo "congestão" musical.

Diremos agora o que nos agradou.

Apreciamos enormemente — e é de justiça que ela esteja em primeiro lugar — a Srta. Welma Richter (aliás não fôsse a falta de espaço e ela teria uma nota à parte). Sua execução ao piano estava impecável.

Também muito bons os "Tres Caballeros". Um conjunto homogêneo e afinado. Bons ainda os números de Mascagni e Grieg (respectivamente Intermezzo Sinfônico e Tema para Concerto de Piano). A "Sonata ao Luar", de Boethoven, um pouco abaixo dos outros dois.

E não poderíamos esquecer do final, com toda a orquestra, indubitavelmente o ponto mais alto da festa, depois da Srta. Welma Richter. Bela voz da Srta. Dilza Dutra, bom o Sr. Carlos Costa no segundo número por ele cantado.

Enfim, fazendo-se um balanço, o saldo favorável aos rapazes da Orquestra é bom. Só que poderia ter sido melhor. E temos certeza de que nos próximos espetáculos o será.

Agora o ponto mais fraco e sem ligação alguma com o resto do espetáculo: a peça teatral em 1 ato. Não compreendemos o porque da intromissão. Não forma sentido. Será

O CONGRESSO MUNDIAL DE INTELLECTUAIS PARA A PAZ

Exclusividade absoluta em Florianópolis para a Revista "SUL", por MAURICE BEDEL, Presidente da Societé des Gens de Lettres da França.

É com pleno acôrdo do coração e pleno consentimento do espírito, que nós, intellectuais da França, iremos a Wroclaw. Iremos a convite de nossos amigos poloneses, como se vai ao encontro da boa fé com boa vontade.

Falaremos da paz, debateremos sôbre a paz; colocaremos todas as forças do espírito, — e sômente nós, intellectuais do mundo inteiro, dispomos delas — colocaremos essas forças incomparáveis ao serviço da paz. O que significa isso? Significa que declaramos a guerra à guerra e afirmaremos nossa fé na paz.

Quem fala da fé, traz um dogma. Não teremos dificuldade em estabelecer esse dogma: apenas iremos buscar nas nossas consciências de gente honesta as verdades, que se impacientam por serem lançadas ao desejo ardente dos povos.

que os componentes da Orquestra estavam receiosos, não tinham confiança em si mesmos? Puseram "aquilo" como reforço? Não o queremos crer. Mas se assim foi, a emenda saiu pior do que o soneto.

A peça apresentada era das mais mediócras. À saída escutamos uma opinião que bem a define: "Parecia feita de recortes de "Governador".

Sem unidade, tem técnica precisa, sem desenvolvimento teatral adequado, situações forçadas, utilizando-se de velhos chavões decadentes, dos mais banais métodos de humorismo, não encontramos valor algum na peça que a Orquestra Juvenil de Florianópolis teve a infeliz idéia de apresentar. Nossa opinião é que o fizeram de boa fé, sem imaginar o que os esperava.

Além de tudo, mal interpretada. Os "artistas" pareciam atirados ao palco, caídos ali por acaso, sem saber o que fazer, para onde se movimentar.

Cortavam as cenas uns dos outros, se confundiam, não sabiam para onde se mover, o galã não sabia o que fazer das mãos, lamentava-se com certeza, intimamente, por não as ter deixado em casa; a segunda atriz entrou dura, parecia um boneco de pau movido por cordões, sem expressão nenhuma.

Direção era coisa que não existia. Totalmente ignorada. Enfim, nada que se salvasse. Temos pena de um ou dois madores que, bem dirigidos e ensaiados, poderiam ser aproveitados. Quanto aos outros, um conselho: devem desistir.

Queremos esclarecer mais um ponto. Mesmo que a peça fôsse boa e bem interpretada, ainda, dentro do espetáculo, pareceria deslocada. Isto porque era um espetáculo da Orquestra e não um "show". Por isto não se compreenderia de forma alguma a intromissão da peça. Ficaria deslocada.

E eis aí nossa opinião. Pode não agradar à maioria. A verdade raramente agrada. Mas constrói. Ei isto os de boa vontade compreenderão. Uma coisa contudo frisamos: somos mais sinceros com os organizadores da festa do que aqueles que lhes enchem os ouvidos com elogios. Só com a crítica séria e honesta se poderá melhorar. Os rapazes da Orquestra prometem. Existem alguns bons valores, entre eles. Que não se deixem, porém, levar pelo canto de sereias dos que atiram elogios como quem atira pedrinhas ao mar. Despreocupadamente. Sômente por atirar. Para ver o leve encrespar das ondas, mas leve encrespar que logo retorna à placidez de antes. Não lhes interessa o depois. Se a pedra toca ao fundo, e se é lama ou areia ou pérola que ali se encontra.

Nós, não! Nós, nos deixamos estar. Ou não atiramos pedrinhas ou atiramos pedronas. E queremos saber o resultado. Analisar na medida do possível, pois só assim é possível melhorar.

Somos os porta-vozes dos pacíficos; estes têm direitos sobre nós. Quando os belicosos tramam grandes aniquilamentos no silêncio da dissimulação, nós devemos falar da paz e proclamar o espírito da paz.

Iremos a Wroclaw, nós, que viremos da França tranquila, e anunciaremos, que cada um é dono em sua casa e, anunciando-o, nada mais faremos senão lembrar uma verdade primeira.

Em nome dos direitos do corpo e do espírito, estabeleceremos, que não aceitamos discriminação entre esse homem e aquele homem, entre esse que acha seu contentamento no fluxo da vida cotidiana e aquele que vai buscá-lo nas promessas do irreal.

Saudaremos com o mesmo respeito o homem negro, o homem branco e o homem amarelo e reconhecer-lhes-emos o mesmo direito à paz e à felicidade.

E como aparecer-nos-á, que o conhecimento e o saber estão na base dessa paz e dessa felicidade, formularemos votos sôbre a obrigação feita às diferentes nações de instruir as massas, fazendo-as sair da ignorância, que as coloca a mercê de parladores falaciosos e de textos ardilosos.

Iremos a Wroclaw como peregrinos do bem, do belo e do justo.

Recebemos e agradecemos:

LIVROS — Visões de Paz — volume de poesias de Maria Isabel, em edição da Agir.

Novos Mundos em Vila Tereza, é o título de um livro de contos de Dirceu Quintanilha a ser lançado em Setembro próximo, pela Editôra Panflêto; o volume trará uma interessante capa desenhada por Percy Deane.

O Tunel — poemas de Afonso Felix de Souza, primeiro volume de uma série de edições da revista "Orfeu".

Oscarina — romance de Marques Rebêlo, 2º volume das obras completas do autor, em edição da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A.

Predefinição — volume de sonetos, de Ulisses Diniz, edição do autor, enviado pelo mesmo.

Viagens através do Brasil — volume 6 — Sta. Catarina — da Cia. Melhoramentos de São Paulo.

Sete Anos de Pastor — volume de contos de Dalton Trevisan, edição da revista "Joaquim", de Curitiba.

Da Biblioteca Pública de Pôrto Alegre, nos chegaram mais os seguintes volumes:

Intervalo Passional — novela de Reinaldo Moura e

Poesia Brasileira Contemporânea - de Gaston Figueira.

REVISTAS — Joaquim — direção de Dalton Trevisan, n. 19, dedicado aos ilustradores. Curitiba — Paraná.

Região — direção de Edson Regis, n. 8. Recife — Pernambuco.

Clá — n. 3, direção de Fran Martins e Aluizio Medeiros. Fortaleza — Ceará.

Meia-Pataca, n. 1 — Cataguazes — Minas Gerais.

Cidade Azul — direção de José Freitas Junior e Walter Carlos Zumblick, n. 3 — Tubarão — Santa Catarina.

Atualidades — direção de H. Kühne, Julho de 1948 — Florianópolis — Santa Catarina.

Século-Jornal — ns. 1 e 2, direção de Almo Saturnino, Jólío Pércio, H. Cavalcante e J. J. Turin — Curitiba — Paraná.

Magister — A revista brasileira, de São Paulo, para o Mundo — Redação e administração: Av. Rangel Pestano, 2102 — 1.º andar — Sala 115 — São Paulo — Brasil.

"Vale do Itajaí" — direção de Ozias Guimarães. Blumenau — Santa Catarina.

"Revista Branca" — direção de J. Saldanha da Gama. Ano 1 — n. 2 — Rio de Janeiro.

"Rumos" — publicação literária do Clube de Cooperação Cultural, dirigida pelo Sr. José Medeiros Vieira — Florianópolis — Santa Catarina — Ano 1 — n. 1.

Alguns Aspectos do XI Congresso Nacional de Estudantes

JOSÉ TITO SILVA, Representante da Faculdade de Direito de Santa Catarina

Sessão de instalação

No dia 17 de Julho do corrente ano, instalou-se na capital da República, o XI Congresso Nacional dos Estudantes Conclave anual promovido pela UNE, o último Congresso concretizou, mais uma vez, através das representações de quase todos os Estados da Federação, a força e o idealismo dos moços que pensam no destino da pátria.

Na sessão solene de instalação, em cuja Presidência de Honra figurou o ilustre Governador de Minas Gerais Senhor Milton Campos, participaram da Mesa do Congresso a Sra. D. Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, os Deputados Monteiro Castro, Afonso Arinos de Melo Franco, José Candido Ferraz, Epílogo Campos, o Presidente da UNE, Roberto Gusmão, e os representantes das Uniões de todos os Estados do país.

Após a abertura da sessão, saudou o Senhor Milton Campos, o acadêmico de Medicina do Distrito Federal, Tibério Nunes, proferindo brilhante oração.

Usando da palavra, o Senhor Milton Campos agradeceu o honroso convite a que foi distinguido para presidir a sessão inaugural do Congresso, e evidenciou o papel dos moços na realização de uma pátria forte e única. Foram estas as palavras finais do ilustre Governador Mineiro, cujo discurso ponderado e animador foi mais uma mensagem racionalista aos estudantes Brasileiros: "Expressando-me com sinceridade diante dos estudantes de minha pátria, quero, por último, saudá-los com ternura e esperança. Unindo os seus esforços aos das gerações que já se encontram na procela, eles, que, como moços, são antecipadores, dão-nos a consoladora antevisão do grande Brasil de amanhã".

Em seguida o Presidente da UNE, Roberto Gusmão, passou a palavra aos oradores acadêmicos das Unidades Federadas que se fizeram representar no Congresso. A maioria das Bancadas destacou-se, na sessão inaugural da grande festa cívica da mocidade, através de oradores sinceros, entusiasmados, defensores da verdade, salvaguardadores do direito e da justiça.

O colega Paulo Malheiros em brilhante improviso, em nome da Bancada Goiana, disse do repúdio aos atentados feitos e por se fazer à nossa Constituição, como cassação de mandatos, entrega do nosso petróleo, lei de Segurança, etc.

Baía, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Maranhão tiveram brilhante atuação na sessão que precedeu os trabalhos do XI Congresso Nacional de Estudantes.

A Voz de Santa Catarina

Pela Embaixada do Estado de Santa Catarina, o Doutorando Otávio da Costa Pereira, em feliz oração, saudou,

de início, a mocidade idealista do Brasil, fazendo votos pelos sucessos dos trabalhos do XI Congresso.

Traçando as perspectivas do ensino primário catarinense situou, o ilustre orador, o Estado sulino, relativamente às outras Unidades da Federação, como um dos vanguardeiros com referência a este setor da educação.

Salientou ainda a criação da futura Universidade de Santa Catarina, congratulou-se com os colegas congressistas e afirmou estar certo do brilhantismo da reunião que aproximava estudantes do Amazonas ao Rio Grande do Sul desejosos de lutar pelos problemas da classe e pelos interesses nacionais.

Atividades Preliminares

Dando início aos trabalhos, dia 18, entrou em discussão o Ante-Projeto de Regimento Interno para o XI Congresso Nacional de Estudantes que foi aprovado em plenário sem prejuízo das emendas.

Imediatamente se constituíram os órgãos diretivos do XI Congresso, quais sejam a Comissão Organizadora, a Mesa Diretiva, Comissões de Teses, Comissão Constitucional e Comissão de Redação.

Oportunamente foram discutidos e aprovados o Temário e o Calendário, ficando os trabalhos circunscritos aos seguintes pontos capitais: I — Reforma do Ensino Superior; II — Constituição dos Estudantes do Brasil; III — Programa Mínimo Administrativo para 1948/49 e IV — Assuntos vários.

A Constituição dos Estudantes do Brasil

Como membro titular ao Congresso por Santa Catarina integrei a Comissão Constitucional que, através de sessões longas e agitadas, após a votação (secreta, direta) do Senhor Presidente (José Antônio Roger Ferreira) e do Senhor Relator (Roberto Lira Filho), apresentou à Casa o Ante-Projeto da Constituição dos Estudantes do Brasil devidamente relatada. Submetida que foi à emenda, o plenário aprovou e promulgou, a 24 de Julho, a Carta Magna do Estudante.

A Constituição do Estudante Brasileiro resultou de consolidação de vários ante-projetos levados ao último Congresso pelas Bancadas Paulista, Mineira, Gaúcha, que, sem dúvida alguma, contribuíram com documentos valiosos para a classe estudantil. Também a UNE apresentou um ante-projeto constitucional que norteou a orientação das bases da carta magna.

A Gestão 1947/48

Em sessão oportuna, Roberto Gusmão, Presidente da UNE, apresentou o Relatório da Diretoria. Documento valioso e sério, encerra ele o conjunto de atividades que os organismos departamen-

tais realizaram durante o período 1947-48, bem como das dificuldades para solução de problemas de ordem interna.

Foram estas as finais do Relatório de Roberto Gusmão: "É necessário que os estudantes de todo o Brasil sintam a importância e o grande papel da U.N.E. no campo do desenvolvimento político-cultural do país.

Aos Congressistas, que saibam escolher os futuros dirigentes da U.N.E., afastando de nosso meio aqueles elementos que ambicionam cargos para obtenção ilícita e vergonhosa de vantagens pessoais.

Aos futuros dirigentes, desejamos a nossa mesma sorte, isto é, a compensação única de gozar a sensação íntima do cumprimento do dever".

A Chapa Vitoriosa

O pleito eleitoral realizado em sessão geral extraordinária, dia 24 de Julho, esteve agitadíssimo. Apresentadas as chapas e feitos os debates tórno às candidaturas, procederam-se as eleições cujos resultados foram dados somente às três (3) horas da manhã do dia 25.

Salvo comunistas e integralistas, a chapa vencedora é composta por elementos das várias correntes do pensamento, de tendências democráticas e cristãs. Segundo declarações feitas à Imprensa pelo estudante Cândido Mendes de Almeida, constituiu fato inédito a concorrência de católicos na última eleição da UNE, que comparecendo organizados fizeram eleger dois elementos.

Foi vencedora a chapa "centrista" que congrega elementos políticos equidistantes da influência das idéias, se bem que respeitadas, dos integralistas e comunistas, por uma maioria esmagadora de cerca de 90 votos.

Genival Barbosa, o jovem nortista, Presidente eleito, teve o apoio unânime de todas as bancadas sulinas. Dentre as embaixadas que assinaram a chapa apresentada, destacamos a Paulista, a Gaúcha, a Mineira, a Baiana, a Paranaense, a Fluminense, a Parnambucana, a Santa-catarinense e a Maranhense.

Pela primeira vez Santa Catarina fez eleger um seu elemento para a Diretoria da UNE (Gustavo Zimmer, 3.º Secretário), fato que enobrece a classe estudantil do Estado sulino.

Comentários

O Congresso Nacional dos Estudantes, abstraído de dos problemas pertinentes à classe, apresentados sob todos os aspectos em mais de (60) sessenta teses, evidenciou, de maneira espetacular, que os moços, caracteristicamente vigilantes e entusiasmados, compreendem o verdadeiro sentido da socialização do mundo atual, do pensamento, e não podem ficar iner-

(Conclue na página 10)



OS MELHORES UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS
SÃO ENCONTRADOS NA

CASA MALTY

Louças — Talheres — Baterias de Cozinha e outros artigos
para uso e adorno do seu lar

RUA JOÃO PINTO, 8 — FLORIANÓPOLIS



I. J. Aterino & Cia.

Sucessores de
Demétrio Lucas

Armazem de Gêneros Alimentícios
Atacado e Varejo

RUA JERÔNIMO COELHO, 2 — FLORIANÓPOLIS



Fabrica de Bebidas — MARTE

GASOSAS, GUARANA, XAROPE, KÓLA MARTE,
AGUARDENTE

IRMÃOS MENDES & CIA.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FILIAL BIGUAÇÓ

END. TELEGRÁFICO CONSELHEIRO MAFRA, 99
"PERINE" FLORIANÓPOLIS
CAIXA POSTAL, 61 SANTA CATARINA



Casa "A Capital"

Especializada em artigos para
homens, senhoras e crianças.

Distribuidores das afamadas confecções
"DISTINTA E RIVET"

Filiais: Blumenau - Tubarão e Lajes
Matriz: Florianópolis

VENDAS: VAREJO E ATACADO.



EMPRESA DE TRANSPORTES AFFONSO RADUN

Matriz: Joinville — R. Saguassú, 22 - Fone, 366
Filial: Florianópolis — R. Con. Mafra, 53 - Fone 1670
End. teleg. e fonogr.: "ETAR"

Serviço de cargas e encomendas de domicílio a
domicílio, entre: Joinville, Itajaí, Tijucas, Florianópolis,
Laguna, Tubarão, Braço do Norte, Orleães, Urussanga,
Cresciuma, Araranguá e todo o interior.

Transportes da Agência Geral de Transportes Joinville

Serviços Rodoviários Sorocabana — Secção de despachos
junto a Estrada de Ferro R. V. P. S. C. Joinville.



Gráfica 43 S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Matriz:

Rua 15 de Novembro, 533 — Caixa postal, 90
Fone 1085 — Blumenau — Santa Catarina
End. teleg.: "Siewert"

Filial:

Rua João Pinto 9-A — Caixa postal, 309
Fone 1407 — Florianópolis — Santa Catarina
End. teleg.: "Siewert"


IMPRESSOS EM TIPOGRAFIA E OFFSETT - LIVRARIA
PAPELARIA - ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E ESCOLAR





S U L

NESTE NÚMERO:



Dois poemas — de Anibal Nunes Pires

"Sul" — Ody F. e S.

A Arte e o Belo — Ello Balstaedt

Ressurge o Ballet da Juventude —

fala a "Sul" S. Castelo Branco

Um Homem sem Paisagem — peça em 1 ato de Ody F. e S.

Eça de Queiroz — por Hercilio Medeiros

Noturno — conto de Salim Miquel

Doris em duas cambiantes — Eglê Malheiros

Poema — de Clouis Assumpção

Dircinha Maluca da Antiga Desterro — Beatriz Bandeira

O Canto do Cisne — conto de Antônio Paladino

Alguns Aspectos do XI Congresso

Nacional de Estudantes — por José Tito Silva

E mais notas, poemas, artigos, contos, tópicos,
ilustrações, informações, livros e revistas recebidas, etc.